

**O MOVIMENTO HUMANO NUMA VISÃO REICHIANA: REPENSANDO
A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Por

Valéria Elias Araújo Bichara

**Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em
Educação Física na área de concentração de Teoria e Prática
Pedagógica em Educação Física do Centro de Desportos
da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção
do Título de Mestre em
Educação Física.**

Florianópolis, fevereiro 2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A dissertação: **O MOVIMENTO HUMANO NUMA VISÃO REICHIANA:
REPENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Elaborada por: **VALÉRIA ELIAS ARAÚJO BICHARA**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pela Pós-Graduação em Educação Física da universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Área de concentração
Teoria e Prática Pedagógica

Data: 19 de fevereiro de 2003

Banca Examinadora

Prof. Dr. Elenor Kunz (Orientador)

Prof^a Dr^a Sara Quenzer Matthiesen

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todo ser humano,
a todos os animais, às plantas e a todo cosmos.
Beleza infinita, pulsante de vida.
Vida, vida, mas o que é a vida ?
Pergunta o poeta Gonzaguinha...
"O que é o que é, diga lá meu irmão?
Ela é a batida de um coração ou uma doce ilusão?
Eu fico com a pureza da resposta das crianças.
È bonita, é bonita e é bonita."
É isso! Dedico esse trabalho à vida que pulsa dentro de cada ser.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor, Dr. Elenor Kunz, pela orientação, pelo incentivo para a realização desta pesquisa e, principalmente, por ter acreditado em mim.

À Dra. Madalena Romanelli, "parteira de almas", minha terapeuta, amiga, co-orientadora do trabalho e com quem eu tenho muito prazer de compartilhar a existência.

À Rita Primo, minha amiga de todas as horas, pelos livros emprestados, pelas leituras, orientações, incentivos e por ser a cearense mais "porreta" que eu conheci.

A todos integrantes do GERA (Grupo de Estudos Reichiano de Alagoas) na pessoa da Dra. Márcia Helena de Oliveira, que me disponibilizou, sem concessões, toda a literatura reichiana, que precisei para a realização da pesquisa e viabilizou a minha permanência a distância na formação em Orgonomia.

À Associação Alagoana de Orgonomia, que tive a honra de integrar como sócia fundadora.

À Universidade Federal de Santa Catarina, que disponibilizou conhecimento, por intermédio dos professores e livros, e as ferramentas para a realização do mestrado.

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação pela auxílio por meio da bolsa APG.

À Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física, na pessoa do Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento, que muito me instigou a crescer enquanto pesquisadora.

Ao querido Jairo, por toda sua paciência com meu aprendizado.

Às amigas que cuidam da biblioteca do CDS, Neuzinha e Olga, que além dos livros cuidam, também, do jardim e das flores do centro.

A todos os professores do Centro de Desportos (CDS), especialmente; Profas.Dras. Ana Márcia e Maria de Fátima e Profs. Drs. Maurício Roberto da

Silva, Joaquim Felipe, Markus Nahas e Sidney Ferreira, por ter compartilhado de suas disciplinas.

Aos Profs Drs. Eduardo Montenegro e Patrícia Ayres da Universidade Federal de Alagoas, pelo incentivo, por tudo que me ensinaram, por terem sido meus primeiros "pais científicos" e principalmente, pela "culpa" que ambos têm, pelo vôlei que fiz em direção ao mestrado.

A todos meus colegas de mestrado, pela paciência e constante ajuda; Alex, Cristiane, Cybelle, Cláudio, Edilson, Fernanda, Gustavo, José Henrique, Marcelo, Paola, Ricardo, Rosângela, Roberto, Rosemary, Veruska e em especial ao amigo Fernando.

À "irmã de orientação" Aninha, por sua co-orientação, por nossas conversas pelos cafés, momentos que ela deixou de ser uma irmã só de "orientação".

Ao meu irmão, Fábio Elias Araújo, por ter me ajudado a viabilizar minha mudança para Florianópolis, por toda sua dedicação e paciência em ler o trabalho e corrigi-lo, e, principalmente, por me aguentar como irmã.

Ao meu irmão, José Elias Júnior, pelo respeito, ajuda e incentivo.

Ao meu pai, José Elias Fernandes, pelo seu exemplo de luta, de não conformismo e por seu amor.

A minha mãe, Maria Alderi, pela sua paciência, respeito e amor diante de todas as minhas transformações.

A todos meus alunos pela paciência que tiveram diante das minhas ausências e por acreditarem e apostarem no meu trabalho.

A todos os amigos Biodanceiros, por compartilharem comigo os maravilhosos momentos em que dançamos a vida.

A todos da Escola de Biodança Rolando Toro, de Santa Catarina.

À Suzana Pazinato e Orlando Rocha, meus amados facilitadores.

Aos amigos Miriam, Miriam Torquato, Jonathas, Silvinha, Clara, Pedro, Rúbia e especialmente a Rô.

Ao amigo e irmão Orlando, sua companheira Sandra e seu filhinho Tainã.

A todos os amigos, compaheiros e irmãos que me receberam em Florianópolis, que me fizeram sentir em casa.

Especialmente;

Aos meus três lindos, maravilhosos e amados “filhotes”, razão maior da minha existência, Gabriel, Carolina e Lucas, pelo amor, companherismo e muita, mas muita paciência com a “mami”, que embora, maluca, doida de pedra, os ama infinito...

Ao meu companheiro Francisco José, por seu ombro amigo, pelo seu amor, sua paciência e admiração, por acreditar em mim e por ter me ensinado a viver...Obrigado por você existir!

O MOVIMENTO HUMANO NUMA VISÃO REICHIANA: REPENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

RESUMO

O que se pretendeu fazer com essa pesquisa, acima de tudo, foi orientar um repensar na Educação Física Escolar a partir da visão reichiana incluindo alguns pressupostos já pensados por outros autores, sobre uma teoria filosófica do movimento humano. A partir disto, então, procurou-se fazer uma aproximação com a prática pedagógica via Teoria do Se-Movimentar e Teoria Crítico-Emancipatória. A Educação Física na busca de referenciais teóricos para novas formas de intervenção na escola, que instrumentalizem o indivíduo em seu processo emancipatório para uma reflexão crítica dos valores estabelecidos, tem encontrado nas ciências humanas e sociais, especialmente na filosofia e na sociologia, alguns pressupostos muito relevantes para temáticas como corpo, corporeidade e movimento. Porém, poucos referenciais teórico puderam ser, até o momento, aproximados e traduzidos em intervenções concretas. Este trabalho procurou realizar uma aproximação da teoria reichiana com elementos da pedagogia crítica da Educação Física. Assim sendo, nós extraímos do arcabouço teórico de Reich alguns conceitos como: pensamento funcional, energia orgone, couraças e sua disposição segmentar e movimento expressivo. Percebendo uma grande aproximação com as teorias filosóficas do movimento humano e da pedagogia do se-movimentar de Tamboer, Trebels e Kunz, estabelecemos, então, um diálogo com as duas teorias. O objetivo da pesquisa foi descompartmentalizar o entendimento sobre o "funcionamento" do ser humano, tentar compreendê-lo em sua totalidade e a partir desta nova concepção de ser humano e do seu se-movimentar, trazer para a prática pedagógica da Educação Física, não só um novo entendimento do movimento humano, mas também utilizar-se de seu potencial dialógico para a emancipação dos sujeitos mediante a prática pedagógica condizente no contexto escolar específico. Ou seja, com isso dilatar o arsenal teórico da Prática Pedagógica da Educação Física e ousar mostrar que o MOVIMENTO de emancipação é possível.

Palavras-chave: pensamento funcional, energia orgone, couraças, movimento expressivo, teoria crítico-emancipatória.

ABSTRACT

Our intention with this research, above all, was to guide a rethink in the School Physical Education from the reichian conception including some presuppose, already thought by other authors, about a philosophical theory of the human movement. From this point, we tried to make an approach with the pedagogical practice from the self-movement theory and critical-emancipation theory. The Physical Education in search of theoretical references for new ways of intervention at school, which give the person the instruments in his emancipation process for a critical reflection of the established values, has found in human and social science, especially in the philosophy and sociology, some very important presuppose for the thematic like body, corporeality and movement. However, a few theoretical references, until now, could be approach and translate into real interventions. This work tried to accomplish an approach of reichian theory and the elements of the critical Physical Education pedagogy. So, we extracted some concepts from Reich's theoretical framework, such as: functional thought, orgone energy, armoring and his segmental disposition and expressive movement. Noting a great approach with the philosophical theories of the human movement and the self-movement pedagogy of Tamboer, Trebels and Kunz we establish a dialogue between the both theories. The goal of the research was to restore the unity the understanding about the human being "functioning" and to try to understand in his self-movement, bring to the pedagogical practice of the Physical Education, not only a new understanding of the human movement but also the use of his dialogistic potential for the subjects emancipation through the pedagogical practice suitable with the specific school context. In other words we intend to dilate the theoretical arsenal of the Physical Education Pedagogical Practice and to show that the emancipation movement is possible.

Key words: functional thought, orgone energy, armoring, expressive movement, critical-emancipation theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Justificativa do problema.....	1
CAPÍTULO I	
1 OS BASTIDORES DA PESQUISA: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	7
CAPÍTULO II	
2 DIÁLOGO COM O REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Notas introdutórias das Idéias Reichianas	12
2.2 Apresentação do Pensamento Funcional	19
2.3 O encorajamento do organismo humano	27
2.3.1 O que é couraça?	
2.3.1.1 O que é couraça muscular?	
2.3.1.2 O que é couraça de caráter	
2.3.2 Qual a função da couraça?	
2.3.2.1 Como se dá o encorajamento?	
2.3.2.2 Como se dá o desencorajamento?	
2.4 Disposição segmentar da couraça	39
2.5 Energia Orgone	43
2.6 Movimento expressivo	49
2.7 Princípio de Auto-regulação	55
2.8 Reich colocado em prática	61
2.9 A interlocução de Saberes Reich e a Educação Física: a Aproximação	67
2.10 Teoria Reichiana e Educação Física Escolar: Sínteses e Relações	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA

Preciso contar um pouco da minha história para poder ser compreendida. Fui criada em uma família que sempre acreditou na necessidade de se buscar o autoconhecimento para uma transformação pessoal. Mesmo que isto tenha sido inicialmente uma imposição, a inquietação com os padrões existentes, fizeram-me experimentar, desde muito cedo, modos alternativos de viver, como por exemplo, a macrobiótica, a alimentação vegetariana, o tratamento com ervas Medicinais, a acupuntura, a homeopatia e a astrologia. A prática de alguma forma de atividade física era uma obrigação diária, assim como uma alimentação saudável, com frutas, verduras e fibras; não tomávamos refrigerantes e nem comíamos embutidos. Isso tudo nos anos 70, época em que não era tais atitudes não eram tão comuns, como nos dias de hoje.

Não conto isso como glória, mesmo porque os caminhos que percorri por pertencer a esse núcleo familiar com pensamentos, digamos, revolucionários, não foram nada fáceis. Aos 4 anos de idade, vi minha casa ser invadida pela polícia política e meu pai ser seqüestrado pelo, então, AI5. Além disto, toda essa exigência na criação, também teve um custo emocional muito grande, custo este, que só depois de muitos anos tento resgatar.

A idéia pregada por minha família era manter o equilíbrio, desenvolver o corpo, sem esquecer o espírito. A busca do desenvolvimento espiritual sempre foi a mais abrangente possível e a possibilidade de conhecer as diversas correntes de pensamento na busca do entendimento da alma humana foi uma oportunidade de trilhar diversos caminhos.

Por intermédio de estudos em diversas correntes filosóficas, busquei o entendimento do ser humano; o estudo dos Chakras e da Kundaline, através da filosofia esotérica nos livros de Leadbeater, por exemplo, ou ainda, o estudo das pirâmides e a força que as mesmas exercem sobre nós durante os quatro anos em que estive envolvida com um grupo que trabalhava esses assuntos.

Estas atividades fizeram parte da minha busca pela compreensão do ser humano. Tive também a oportunidade de estudar praticamente toda a obra de Allan Kardec, durante os dez anos em que fui estudante e trabalhadora da doutrina espírita.

Minayo, M. 1994 (p. 09) afirma que a busca do ser humano pela verdade sobre si e sobre os fenômenos da natureza é antropológica; as religiões e filosofias tentam dar conta dessas explicações, a poesia e a arte continuam a desvendar as profundezas do inconsciente coletivo e a ciência é apenas uma expressão dessa busca.

Trilhei, durante anos, dois caminhos paralelos na busca do autoconhecimento, o entendimento dos mistérios da alma humana e a manutenção de um corpo saudável por meio do exercício físico. Este era o equilíbrio, que toda aquela criação, desde cedo, me fazia acreditar ser possível.

Mas somente em 1993, há mais ou menos nove anos, portanto, deu-se início a maior transformação de toda minha vida. Auxiliada por um processo terapêutico fiz da minha própria história o meu laboratório de pesquisa. Claro, que no começo eu não suspeitava, nem de longe, que o que eu estava construindo era, na verdade, a base de uma pesquisa científica.

Foi nessa época que me interessei em estudar Wilhelm Reich, médico psicanalista, primeiro assistente de Freud. Reich rompeu com a psicanálise quando ultrapassou o entendimento do instinto de morte. Toda sua pesquisa foi uma incessante busca de compreender o funcionamento da vida.

Sua obra pode ser dividida em três fases. o período da Análise do Caráter (até 1934), a Vegetoterapia Caractero-Analítica (1934 a 1939) e a Orgonomia (1939 a 1957).

Na última fase de sua pesquisa, Reich desenvolveu a Orgonoterapia, que em resumo é a busca do livre fluxo energético no organismo como forma de se restabelecer sua saúde energética (física e emocional).

A Orgonoterapia reichiana busca o restabelecimento da livre pulsação energética no corpo, através da conscientização e flexibilização dos bloqueios; em que o paciente é o agente da transformação e o terapeuta funciona como facilitador do processo.

Este processo acontece em dois momentos: um é a análise de conteúdo dos bloqueios, através da terapia verbal; e o outro é o trabalho corporal, em que o paciente toma consciência e flexibiliza os bloqueios musculares.

Pela primeira vez vi um processo de transformação pessoal numa abordagem na qual os bloqueios afetivos/emocionais e os bloqueios musculares são reportados a um mesmo processo energético, integrando o funcionamento psicológico/emocional e o funcionamento fisiológico/muscular em uma mesma "unidade de funcionamento".

Eu compreendia pouco a pouco esse processo: o desbloqueio não acontece primeiro no corpo para depois acontecer na emoção e no intelecto, ou vice-versa; anterior a todos estes domínios, ou seja, ao bloqueio muscular e ao bloqueio emocional, está o funcionamento energético corporal, uma vez que é a estase energética, a energia "estagnada"; que alimenta o bloqueio energético.¹

A Orgonoterapia busca a flexibilização desses bloqueios como forma de devolver a pulsação vital ao paciente. Tal flexibilização é a possibilidade de existir em toda a dimensão do ser, é quando o indivíduo experimenta estar de "posse de si mesmo" e "existir em toda sua plenitude". O indivíduo percebe, ao mesmo tempo, que é uma identidade, um ser com toda sua potência do existir; e que também é uno com o cosmos e com todos os outros seres vivos.

Ainda que uma aula de Educação Física não seja uma sessão de terapia e o professor não seja um terapeuta, tampouco o aluno, um paciente, podemos mediante a aproximação teórico epistemológica com a teoria reichiana ampliar a compreensão do nosso principal instrumento de ação pedagógica.

A palavra chave da terapia reichiana é MOVIMENTO. Isto mesmo, eu falei MOVIMENTO! O movimento, que é o principal instrumento pedagógico da Educação Física. "O movimento nosso de cada dia", aquele mesmo movimento que busca e precisa ser melhor compreendido em sua totalidade, como apontam alguns pesquisadores nesta área, como por exemplo, Valter Bracht e Elenor Kunz.

¹ Bloqueios energéticos (ou couraças), no conceito de Reich, são formados pela oposição de duas forças; o impulso de existir e a não permissão deste mesmo existir (necessidades internas X mundo externo). Historicamente, o bloqueio é erguido como forma de proteção da identidade, de sua necessidade em ser aceita e amada. "As couraças são mecanismos inconscientes que limitam a pulsação vital." Reich, W.(1995)

A transformação proposta por Reich acontece através de um movimento de dentro para fora, é o resgate da consciência do vínculo original que temos com a pulsação cósmica, num processo de emancipação individual e social. Durante os quase dez anos de participação nos grupos de Orgonoterapia e mais recentemente nos quatro anos da minha formação em Organomia, eu assisti todo esse processo de transformação pessoal e social acontecendo com as pessoas.

Comecei a suspeitar, então, o quanto nós, professores de Educação Física, poderíamos aproveitar deste conhecimento ampliado sobre o movimento humano para auxiliar numa prática pedagógica com uma proposta de emancipação individual e social.

*Os pensadores mais admiráveis, ensina Wright Mills, não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal **dissociação**, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra. (Oliveira, P.; 1998, p. 87)*

Toda esta minha inquietação fez nascer o objetivo desta pesquisa: propor que a Educação Física Escolar seja repensada a partir da visão reichiana de movimento humano. Tal objetivo assenta-se na consciência de que temos muito a ajudar, mas que antes precisamos romper com alguns paradigmas que sustentam o entendimento sobre o funcionamento do ser humano, ou ainda, o que Maturana, H. (1999) chama de “premissas fundamentais” sobre a condição do humano. (p.17)

Desejo apresentar, no desenrolar dessa pesquisa, não só o pensamento reichiano, que foi o motivador deste trabalho, mas trazer, também, o pensamento de outros autores, como Humberto Maturana, Antônio Damásio, Roger Dadoun, David Boadella, Paulo Albertini, Dimas Calegari, bem como a Física Quântica; porque na verdade todos colaboram para essa nova perspectiva de entendimento do ser humano.

"Por estar a Educação Física em busca de sua legitimação pedagógica, esta se encontra aberta e ainda com seus alicerces teóricos em constante evolução". Bracht, V. (1997, p.52) diz que a Educação Física precisa buscar o sentido de sua transformação na necessidade de mudança da própria sociedade brasileira e, ainda, que nesta perspectiva, ela educaria no sentido de instrumentalizar o indivíduo para ocupar de forma autônoma seu tempo livre

com atividades corporais de movimento, instrumentalizar o indivíduo para entender e posicionar-se criticamente perante a nossa cultura corporal/movimento e, também, educaria no sentido de desenvolver uma sociabilidade composta de valores que permitam um enfrentamento crítico com os valores dominantes.

Observamos na fala, não só de Bracht mas também de outros teóricos da Educação Física, como por exemplo, Kunz, E. (1991, p.165), "a necessidade de capacitar o aluno para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica".

Muito tem sido feito neste sentido, com o surgimento de várias teorias críticas dentro da Educação Física, porém "nenhuma destas novas tendências forneceram até o momento, à ação pedagógica em Educação Física, um quadro referencial teórico consistente". (Bracht, V., 1997, p.28).

O que pretendo com essa pesquisa é que a Educação Física Escolar, do ponto de vista teórico epistemológico, seja repensada a partir da visão reichiana de movimento humano.

Farei uma aproximação com a prática pedagógica via Teoria do Se-Movimentar e Teoria Crítico-Emancipatória, procurando ampliar, com isso, a compreensão do movimento humano através da concepção reichiana de ser humano, ou seja, dilatar o arsenal teórico da Prática Pedagógica da Educação Física e ousar mostrar que o MOVIMENTO de emancipação é possível., na tentativa de superar correntes puramente funcionalistas e biologicistas dentro da Educação Física e propor, assim, uma contribuição no processo de "busca de maioria" dos indivíduos.

Atualmente, corremos o sério risco de tentar superar o corpo e nos alejarmos.

O que está errado não é a importância dada ao corpo e sim seu entendimento. Priorizar o corpo e dividir o ser humano em compartimentos está tão equivocado quanto deixá-lo em segundo plano, priorizando a alma.

A concepção dualizada, que ora privilegia o corpo, ora privilegia a mente, permanece dissociando o indissociável. Superar o corpo é atropelar o processo, que está enraizado no próprio corpo. Para compreendermos o

"funcionamento emocional e intelectual" não podemos distanciá-lo do "funcionamento fisiológico".

O objetivo da pesquisa é, justamente, descompartmentalizar o entendimento do "funcionamento global" do ser humano, tentando compreendê-lo em sua totalidade e trazer esta compreensão para a prática pedagógica.

A prática pedagógica higienista, quando quis uma educação totalmente heterônoma através da introjeção de comportamentos e domesticação dos indivíduos para a ditadura, por exemplo, o fez através do corpo. Isto só já seria pista suficiente para acreditarmos que qualquer movimento em direção à liberdade passará também pelo corpo. Assim, o que proponho é somente o resgate daquilo que um dia foi perdido. Devolver ao indivíduo o acesso a seus mecanismos de autoregulação nada mais é do que vincular corpo, emoção e intelecto oportunizando sua autonomia e seu processo de emancipação.

A pesquisa, segundo Minayo, M. (1994, p.17) "é uma prática teórica que vincula pensamento e ação, existe antes um problema da vida prática para depois se tornar objeto de pesquisa".

Este conceito nos chama a atenção para um outro aspecto da pesquisa, que é a sua relevância. Quero apresentar, aqui, mais uma vez a minha inquietação, quando me vi, diante de um conhecimento que poderia impulsionar a Educação Física numa direção que esta pretendia trilhar, haja vista o que podemos perceber através das Teorias Críticas.

A expectativa de poder aproximar dois campos de conhecimento, que mal se conheciam ou que mantinham relações ainda um pouco tímidas, justificava embrenhar-me pelo universo da pesquisa acadêmica dentro da Educação Física. Foi o que fiz, quando me mudei para Florianópolis e ainda, continuei vinculada à uma formação reichiana em Maceió, "A Orgonomia aplicada à Educação Física".

Por isso, tenho como **problema** básico de pesquisa o seguinte questionamento: "A partir, da aproximação entre a teoria reichiana e elementos da pedagogia crítica da Educação Física, mais especificamente da teoria do Se-movimentar e através do surgimento de uma nova concepção de ser humano e do seu se-movimentar, que elementos teórico-práticos posso derivar

para o campo da Educação Física e em que medida estas derivações podem contribuir com a pedagogia crítica da mesma?"

CAPÍTULO I

1 OS BASTIDORES DA INVESTIGAÇÃO:ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

**“O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes da nossa vida.
Deveriam também governá-la.”**

"Esta frase está presente como epígrafe em diversos textos de Reich, dando mostras do profundo envolvimento do autor com sua obra. Ao adentrar no universo desta, descobre-se criador e criatura de tal forma entrelaçados que a aproximação de um leva, também, ao outro." (Albertini, P., 1994, p.15)

Esta frase reichiana vem logo no início do capítulo da metodologia, talvez porque nenhuma outra teria o poder de sintetizar como foi, está sendo e será toda esta pesquisa, que se confunde com a minha própria história de vida e todos os meus processos de autoconhecimento e de evolução.

Se os caminhos se fazem andando, também o método não é senão um discurso dos passos andados, certamente muito pertinente para a certificação social do trabalho concluído, mas de pouca serventia para a orientação do que se há de fazer. (Marques, M. 2000, p. 114)

Preciso transbordar o tempo de duração do mestrado para não cometer uma injustiça metodológica com a realidade desta pesquisa. A realização do mestrado foi o apogeu de uma longa jornada, que como já disse anteriormente, começou a quase dez anos.

A inquietação com as descobertas que fiz durante todo este tempo, moveram-me em direção ao aprofundamento das possibilidades de atuação pedagógica.

Comecei a suspeitar que "eram muitas as coincidências", conhecer o movimento humano tratado dentro da Teoria Reichiana de uma forma completamente diferente da que eu tinha conhecimento dentro da Educação Física.

Não poderia ser obra do acaso eu, professora de Educação Física, diante daquele novo conhecimento. Levantei a hipótese de que poderia juntar tudo, fazer uma alquimia entre a Teoria Reichiana e a Educação Física.

Deixei-me ser conduzida pela intuição e vim parar aqui, em Florianópolis. Conheci o prof. Elenor Kunz, que me aceitou como aluna especial em sua disciplina, acredito que intuitivamente também, porque de concreto eu não tinha nada para apresentar naquele momento, a não ser algumas "viagens" teóricas, ainda um pouco nebulosas.

Não tenho nenhum pudor em dizer que a intuição guiou minhas escolhas e as do prof. Elenor. Hoje acredito que a intuição, assim como a percepção e a sensibilidade, são instrumentos valiosos dentro da pesquisa científica. Abrir mão desses instrumentos seria um grande desperdício.

No entanto, há uma pretensão da ciência de ser promotora única e critério de verdade, desqualificando a intuição, a percepção e a sensibilidade como instrumentos de pesquisa.

Esta pesquisa é uma construção, que antes de tudo é visceral. "Este envolvimento é inevitável, principalmente na área de construção de teoria psicológica, onde o estudioso faz parte do próprio objeto de estudo". (Albertini, P 1994, p.93).

Ainda que eu não tenha a pretensão de construir uma teoria psicológica, meu envolvimento com a teoria reichiana levou-me a levantar, a partir dela, um referencial de atuação profissional, que pretendo mostrar, no decorrer do trabalho.

"A pesquisa teórica é orientada para (re)construção de teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes." (Demo, P. 1994, p. 35)

Este estudo será uma pesquisa teórica, na medida que se ocupará em relacionar e discutir teorias em torno de uma mesma problemática - o movimento humano -, a partir da desconfiança inicial de que pode haver elos

em comum entre a concepção Reichiana sobre movimento humano e a teoria filosófica do Se-movimentar elementos em comum,

Procurei estruturar a pesquisa a partir dos seguintes passos metodológicos:

- ✓ Primeiramente, revisei de uma forma global a Teoria de Reich, para familiarizar o leitor com a pesquisa reichiana.
- ✓ Em seguida, aprofundei os pontos da teoria Reichiana que poderiam levar a uma melhor aproximação com as teorias do movimento humano dentro da Educação física.
- ✓ Por último, fiz um estudo das Teorias Críticas da Educação Física, em especial, os conceitos relativos ao movimento humano do ponto de vista filosófico e pedagógico.

Durante o mestrado, ainda vinculada ao GERA (Grupo de Estudos Reichianos de Alagoas), conclui a formação em Orgonomia. Continuei o trabalho de pesquisa em direção à construção de uma vivência terapêutica. Tive a cooperação de terapeutas do GERA, que me assistiram durante toda a fase de experimentação e funcionaram como co-terapeutas no trabalho corporal que pude desenvolver.

A Orgonomia Reichiana aplicada à Educação Física nasceu como: "ARREBENTANDO CORRENTES E DISSOLVENDO COURAÇAS: A LUTA PELA LIBERDADE".

Trago o relato da criação da vivência para o texto da dissertação, apesar do risco que corro de descaracterizá-la, enquanto pesquisa teórica, todavia não posso me permitir, como nos fala Marques, M. (2000) enfiar-me numa camisa-de-força por medo da livre-expressividade, seria como engessar membros que melhor se fortalecem no livre-exercício. (p.114) O que se constituiria, também, uma grande e inadmissível contradição, ao próprio tema da pesquisa; que será sobre a necessidade da liberdade no exercício de si mesmo.

Tenho o comprometimento maior em contar ao leitor os passos dados na construção da pesquisa, do que propriamente com o enquadramento metodológico.

Além do mais, quero mostrar porque no desenvolvimento da pesquisa fui percebendo, além da complexidade, a relevância e a atualidade desse estudo para o campo da Educação Física.

Espero que surja a possibilidade de divulgar e aprofundar esse trabalho e que ele possa despertar em outros profissionais o mesmo interesse.

Tenho a ousadia de dizer que o "artesanato intelectual" proposto por Mills, C. (1972) esteve presente, como procurarei mostrar, mesmo quando ainda não existia um tema de pesquisa, era somente um incômodo diante da realidade e dos problemas que afligiam as pessoas.

A construção do problema desta pesquisa foi um processo orgânico e, por trás da elaboração deste problema, há todo o cultivo de uma capacidade imaginadora (Mills, C.; 1972), que se faz necessária para promover a associação de coisas que, a princípio, não poderíamos sequer supor que comporiam a construção de um novo conhecimento.

O envolvimento com o tema da pesquisa nos faz buscar recortes nos lugares mais inusitados possíveis, como mostrarei no decorrer da pesquisa, letras de músicas, frases de poetas e até mesmo pichações em muros.

A pesquisa é um labor artesanal que se utiliza da criatividade, porém com vigilância epistemológica, segundo Silva, M. (2001). Mesmo que não possamos utilizá-los no arsenal teórico, são momentos de inspiração que um pesquisador não pode ter a pretensão de abrir mão. "Neste sentido o artesanato é o centro de si mesmo, e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe." (Mills, C., 1972, p. 212).

Para Minayo, M. (1994) os dados qualitativos e quantitativos não se opõem, na verdade, deveriam se complementar, interagindo dinamicamente e excluindo qualquer dicotomia (p. 22).

Pois bem, um dos objetivos deste estudo foi não só ajudar a dissolver esta dicotomia, como também mostrar que ela encontra-se enraizada no organismo de cada pesquisador, pela dissociação em seu próprio funcionamento energético, através do bloqueio. Como nos afirma Reich, o organismo encoraçado tem a percepção de si mesmo cindida entre um ser emocional e um ser intelectual, sustentando o pensamento de que existe uma razão separada da emoção.

Minayo nos fala do embate que existe sobre a cientificidade das ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza, por um lado, os que buscam a uniformidade dos procedimentos para a compreensão do natural e o social, por outro lado, há os que reivindicam a total diferença e especificidade dos dois ramos do conhecimento.

Um laboratório de pesquisas, por mais asséptico de subjetividade que possa parecer não o é. As reações surgem automaticamente após o início da experiência, basta apenas misturar uma substância química à outra. Ora, mas quem misturou as substâncias?

Alguém, um ser humano encharcado de emoções, que precisou escolher essas substâncias na prateleira e iniciar a experiência, então esta escolha, por mais que se tente negar, é também emocional.

Para essa escolha acontecer é necessário uma inteligência e se esta inteligência não está confinada em nenhum órgão específico, como também atestam, as descobertas da Física Quântica, logo todas as células do corpo deste pesquisador estarão envolvidas nesta escolha. Então não só intelectual e emocional será a escolha, mas também corporal.

Por isso, inspiro-me no conjunto das idéias de Maturana, H.(1999) que postula a necessidade de se "ultrapassar a premissa básica de pensamento; que opõe o biológico ao não biológico, o corpo à mente ou espírito à matéria; reforço para uma tarefa nada fácil, a de romper paradigmas que sustentam as velhas dualidades: indivíduo x sociedade, razão x emoção e objetivo x subjetivo." (p. 07)

CAPÍTULO II

2 DIÁLOGO COM O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Notas Introdutórias das Idéias Reichianas

Wilhelm Reich nasceu em 24 de março de 1897, numa aldeia do império austro-húngaro, membro de uma família de camponeses. Com a eclosão, em 1915, da 1ª guerra mundial, Reich e o irmão Robert, que já eram órfãos de pai e mãe, acabaram perdendo todas as suas posses.

Em 1918, Reich entrou na faculdade de Medicina. Obtinha seus livros, graças às doações da Sociedade Médica de Viena e sobrevivia com a ajuda de alguns amigos que dividiam a comida com ele.

Reich era dotado de grande agilidade mental, capacidade de liderança e forte determinação, logo após os seis primeiros meses de faculdade já ganhava algum dinheiro dando aulas particulares para seus colegas.

Em 1919, com a finalidade de contra-atacar a negligência do curso de Medicina em relação à sexualidade humana, organizou, junto com outros colegas do curso, o primeiro seminário sobre sexualidade da Universidade de Viena.

Naquele mesmo ano, devido às suas valiosas colaborações, Reich tornou-se coordenador do seminário. Foi neste contexto que Reich veio a ler Freud pela primeira vez. Ficou fascinado. Enquanto os autores pré-freudianos pareciam identificar a libido apenas como o desejo sexual consciente, Freud ia mais além, via-a como energia.

Aos 23 anos de idade, devido ao seu interesse e entusiasmo em relação aos novos e revolucionários conceitos psicanalíticos, foi convidado a tomar parte como estudante não-graduado na Sociedade Psicanalítica de Viena. Uma distinção bastante rara naquela época.

Em 1922, Freud fundou a Policlínica Psicanalista de Viena para o tratamento de pessoas de baixa renda onde, durante seis anos, Reich trabalhou como seu primeiro assistente e dois anos, como vice-diretor.

Esse trabalho levou-o a um contato mais estreito com a classe trabalhadora e por volta de 1924, começou seus estudos sobre as causas sociais das enfermidades mentais.

Reich compreendeu, antes de muitos de seus contemporâneos, a urgente necessidade de centros de Saúde Mental. Queria criar uma forma de clínica que pudesse ter uma função educacional e orientadora para lidar com os problemas sexuais diários.

Com o conhecimento de Freud, fundou em 1929, a Sociedade Socialista para Consulta Sexual e Pesquisa Sexológica e sob sua coordenação, seis clínicas de Higiene Mental foram abertas. A idéia era dar informação gratuita e conselhos sobre controle de natalidade, educação sexual para crianças e adolescentes e problemas conjugais.

A crescente atividade política de Reich começava a desagradar profundamente a Sociedade Psicanalítica de Viena, o que acabou por lhe trazer, cada vez mais, conflitos pessoais.

Por outro lado, Reich já era uma força efetiva no Partido Comunista e um participante ativo da Sociedade Psicanalítica de Berlim. Suas teorias a respeito da integração entre Freud e Marx eram aí perfeitamente compreendidas.

Em 1894, Freud já havia afirmado "que toda doença jaz num bloqueio da energia sexual" e "que não era possível haver neurose na presença de uma vida sexual normal". No entanto, Freud nunca foi capaz de resolver o problema de como um sentimento sexual poderia ser convertido em angústia.

Posteriormente, Freud abandonou a teoria dos instintos em direção à psicologia do EGO. A psicanálise e a "economia sexual" tomaram direções opostas. Enquanto a primeira concentrava-se nos conteúdos da vida psíquica e desenvolvia-se rumo a uma psicologia das idéias, Reich não negligenciou o fator quantitativo, o princípio de energia presente em cada conteúdo emocional. Buscou, desde o início, os "fundamentos biológicos" na Teoria da Libido de Freud.

A investigação clínica nos tem demonstrado que a função do orgasmo é a chave do problema da energia. As neuroses são a consequência de um estancamento, de uma estase de energia sexual. A causa desta estase é uma perturbação na descarga de uma grande excitação sexual no organismo, seja ela percebida ou não por ele. (Reich, W., 1995, p.338).

"A estase sexual é o resultado de uma perturbação da função do orgasmo. Fundamentalmente, as neuroses podem ser curadas pela eliminação da sua fonte de energia, a estase sexual".(Reich, W.,1998, p.137)

Através de sua experiência clínica, Reich pôde perceber que a eliminação da "estase sexual" (estagnação da energia biológica) por meio da descarga orgástica da excitação biológica fazia desaparecer todo tipo de manifestação neurótica.

Reich concluiu, então, que não havia uma conversão da excitação sexual em angústia, mas que a mesma excitação que aparecia nos genitais como prazer manifestar-se-ia como angústia se estimulasse o sistema cardiovascular.”(Boadella, D., 1995, p.24)

Esta busca levou este pesquisador ao descobrimento das funções bioenergéticas, ao desenvolvimento da Teoria do Orgasmo (1922-26), a descoberta do reflexo orgástico (1935), ao conceito de Couraça Muscular e de Caráter (1928), ao descobrimento da Energia Orgone (1939) e sua função nos seres humanos, em sua psiquê, seu soma, na natureza, na atmosfera e, finalmente, no espaço exterior.

Reich ocupou-se, a priori, de entender o ser humano, como a vida funcionava, como começava, como se reproduzia e como acabava. Adentrou então, o campo da biologia. Descobriu que o movimento de pulsação da energia no corpo enraíza o homem na natureza. Este movimento, assim como a "Energia Orgone", está presente em todos os seres vivos e no restante da natureza.

Na busca da cura das neuroses, tentando entender como a vida funcionava descobriu a identidade primordial de toda natureza, os “bions”. Os “bions” são a unidade da "Energia Orgone", formadora da matéria, presente em tudo que existe. Esta unidade pulsa e tem um movimento que caracteriza a função da vida. Tudo que está vivo está em constante pulsação, a diminuição

deste movimento aproxima o ser da não-vida. Transforma seres humanos em possíveis massa de manobra.

Todo estado de doença corresponde a uma alteração neste movimento de vida. Seja a doença, aqui entendida, como manifestação física ou social. Uma sociedade doente, como apontada por Habermas (apud Kunz, E. 1998), é constituída de indivíduos doentes. Sujeitos que não se dão conta de sua "falsa liberdade", porque o mecanismo da couraça, que é inconsciente e automático, tuta em cada um sua própria prisão.

O profundo não pode ser sentido porque o indivíduo já está dissociado e é assim que se percebe. A sensação que fica desta divisão é de orfandade e de incapacidade de gerir a própria existência, uma crença de que a vida instintiva é incapaz de se governar.

Claro! É dessa forma que o indivíduo se percebe e a partir dessa percepção ele molda sua visão de mundo e de realidade. Alguém "deve" estar no comando para que o "caos" não predomine.

A perda da autopercepção natural divide nitidamente a pessoa em duas entidades opostas e contraditórias. O corpo aqui é incompatível com a alma ou o espírito lá. A função do "cérebro", do "intelecto", é separada do resto do organismo; este último é subjugado por ser "emocional" e "irracional". O que é triste a respeito de tudo isto é que dentro do quadro da existência do homem encouraçado, tudo é correto e lógico.(...) Todas as instituições do animal humano encouraçado estão ancoradas nesta dicotomia. (Reich, W., 1949, p. 86)

No "funcionamento dissociado" a percepção de realidade interna é, a de que um órgão superior, por exemplo, o cérebro, controla os outros. O coração deve estar submisso, para "não fazer nenhuma bobagem", o "funcionamento" das vísceras então, causam "nojo e vergonha". Todas as necessidades orgânicas devem ser intelectualizadas para que o indivíduo se torne "um ser com autocontrole", para ser aceito em uma sociedade com outros indivíduos também "autocontrolados".

No conceito de Reich; são indivíduos prisioneiros de si mesmos, de sua própria "estrutura de funcionamento". Externamente reproduzem a mesma dissociação orgânica no social, aceitam sob a forma de "crença", que necessitam de alguém que os governe. Assim as pessoas se tornam aptas à

aceitação de um dominante, alguém que assuma este "controle" que todos acreditam ser necessário.

Queremos mostrar com isto, que a passividade e o conformismo das pessoas diante do domínio e das atrocidades dos governos e das instituições estão para além da falta de consciência. Devemos entender o processo silencioso que está por trás da relação dominante/dominado e que "produz" indivíduos aleijados em sua capacidade de indignação, deixando-os "prontos" a esta aceitação passiva.

A passividade e o conformismo, tão discutidos e tão mal compreendidos, estão antes de tudo, impressos em seus "corpos", ditando suas ações, emoções e a visão que cada indivíduo tem do mundo.

Quero ilustrar esta relação com o exemplo do que fazemos todos os dias com a natureza e que não é diferente do que fazemos conosco. Se olharmos uma montanha ou uma planície, vamos poder ver que o caos é uma "função" da vida, existem ali vários tipos de plantas e animais que convivem na mais perfeita harmonia, plantas rasteiras, árvores frondosas, flores vermelhas, amarelas. O que nós fazemos com este "caos"?

O mesmo que fazemos com o nosso próprio "caos", não suportamos, dividimos tudo em quadrados; plantamos arroz com arroz, feijão com feijão e assim por diante. Separamos os animais; vacas com vacas, galinhas com galinhas e vamos, desta forma, assassinando "o funcionamento caótico e equilibrado" da natureza. O nome disto para Reich é FACISMO. O mesmo fascismo que cometemos um dia de forma endêmica, na Europa.

Nós reproduzimos, diariamente, este fascismo em nós mesmos, nos sabotando e sabotando o mundo à nossa volta. Outrora, essa "sabotagem", esse "assassinato da vida" foi motivo de alarde, mas e o do dia-a-dia? Ele está sendo constantemente re-atualizado.

E a resposta a isso tudo? O que a natureza faz com essa agressão? Inflama-se, adocece, se enche de pragas. Ela, assim como nós, não fica imune a esta prática fascista.

Ainda, sem nos darmos por satisfeitos, o que nós fazemos, então? Tratamos o desequilíbrio do "caos" de uma forma ainda mais agressiva, alopaticamente aplicando remédios, pesticidas e antibióticos.

A humanidade está constituída de indivíduos visceralmente insatisfeitos, prisioneiros dentro de si, que não conseguem tratar o outro e o mundo de forma diferente da que se trata.

"As doenças não são como raios que caem do céu; são conseqüências dos erros contínuos contra a natureza."

Hipócrates

O que fica na superfície disso tudo é a percepção de pensadores e filósofos, de que vivemos num padrão de funcionamento em que existem dominadores e dominados. A profundidade desta relação é tão grande, que se não fosse a intuição de alguns poucos, continuaríamos a acreditar que este funcionamento social perverso é o natural.

O quantum energético, denominado por Reich como sendo a quantidade e a qualidade da pulsação vital, que são inseparáveis dentro da sua concepção, é a manifestação direta da quantidade e qualidade de vida, entendida como o movimento da "energia orgone", dentro e fora do corpo.

A busca pela compreensão da totalidade de existir está dentro de cada ser humano, mas ninguém tem isto como realidade, se assim fosse a humanidade não precisaria estar discutindo sobre isto, como tem acontecido no decorrer dos tempos.

A restituição da auto-regulação desfaz a crença do sacrifício necessário e nos livra da introjeção milenar do sentimento de resignação, que assola a humanidade, nos permitindo assim, entrar em contato com nossas vontades e desejos vitais para a realização de nossos sonhos enquanto seres humanos.

Os mecanismos de poder que afastam as pessoas de sua auto-regulação, unicidade e originalidade única, levam a uma padronização de comportamentos, em que a norma é o sacrifício dos projetos e sonhos individuais para manter a máquina social funcionando. Isto quer dizer que a neurose condena a vida a ser apenas uma peça a mais de uma engrenagem instituída e oficializada: o sistema capitalista. (Freire, R. & Da Mata, J., 1993, p.36)

Somos neurotizados para sermos mais facilmente dominados e, o que é ainda mais grave, nos tornamos agentes deste processo, neurotizando as pessoas com quem nos relacionamos. "Reich descobriu que uma pessoa não nasce neurótica, ela se torna neurótica". (Freire, R. & da Mata, J., 1993, p.22)

A neurose é o rompimento, causado pelo bloqueio, da unicidade, o que torna a pessoa dividida, fraca, insegura e impotente. O rompimento desta unicidade do indivíduo impede o funcionamento da auto-regulação espontânea de seu organismo e permite seu enquadramento dentro de um padrão de comportamento.

Esse processo que é inconsciente e que se torna involuntário transforma o indivíduo em presa fácil de qualquer mecanismo de poder, seja na família ou no Estado, uma vez que "A família espelha e reproduz o Estado" (Freire, R. apud, Reich, W. 1993, p.36).

Reproduzimos e perpetuamos a dominação através da prática diária da heterorregulação, a não permissão para o funcionamento dos mecanismos auto-reguladores da vida. Primeiro em nós mesmos, depois em nossos semelhantes. Pessoas heterorreguladas tornam-se grandes heterorreguladoras.

Quebrar este ciclo vicioso de dominação não é tarefa fácil, visto que, antes de tudo, ele é inconsciente e automático. Além do mais, os mecanismos de auto-regulação são extremamente subversivos, porque desatrelam as pessoas do sistema de dominação "silenciosa" que existe a milhares de anos na nossa civilização. A auto-regulação possibilita ao indivíduo se soltar do "corrimão" e se abandonar ao fluxo da vida.

Acreditar no fluxo natural da vida não é uma atitude intelectual é uma possibilidade que se restabelece, a "Orgonoterapia Reichiana" busca a flexibilização das coraças e com isso a consciência e compreensão do vínculo com a energia cósmica. Tem como meta a potencialização do ser, restabelecendo com isso a confiança em si e no fluxo da vida que se manifesta através de todo ser humano.

Esta entrega ao movimento da vida ou o "se deixar existir", na concepção reichiana, é estar em exercício de si mesmo, viver na potência máxima do ser. "Como a água que nasce e corre na fonte, a vida tem competência visceral para existir".

A expressão: "Você só leva alguém, até onde você mesmo foi" pode parecer absurda se não sairmos da estrutura de pensamento que divide o funcionamento do ser humano, todavia, se ao contrário disso, conseguirmos pensar fora do quadrado, vamos entender que todo e qualquer aprendizado

não é mental ou corporal, são as duas coisas ao mesmo tempo e, antes de tudo, é energético.

Assim como o ser humano funciona na totalidade não podemos querer que ele aprenda por compartimentos; ora acessando o intelecto, ora acessando o corpo ou ainda, que os caminhos de acesso sejam distintos e que possam por vezes coincidir.

Não há como se propor uma transformação nos padrões de comportamento, pensamento e ações de alguém, se quem propõe não tiver feito ele próprio este caminho, porque essa transformação é antes de qualquer coisa, energética.

A Educação, para Reich, não é diferente, é também um processo energético de transformação individual e social. Um educador, por mais bem intencionado que seja, não consegue permitir a auto-regulação nos educandos, se ele próprio não tiver essa permissão.

O acesso a esse movimento primordial, que se encontra aprisionado dentro de cada um, deflagra o processo de emancipação individual e social. No contexto individual, porque livra o indivíduo de suas próprias amarras e no social, porque, a medida que o indivíduo se permite entrar em contato com sua própria totalidade, ele dá permissão aos outros de viverem esta totalidade.

2.2 Apresentação do Pensamento Funcional

O desenvolvimento do pensamento funcional, embora não tenha sido o ponto de partida de sua pesquisa, é fundamental para qualquer compreensão do trabalho de Reich.

“A técnica de raciocínio do funcionalismo orgonômico não foi uma criação acabada quando a orgonomia fez suas primeiras formulações funcionais.” (Reich, W. 1950, p.1) O funcionalismo é um método, uma forma de pensar, a maneira como o ser humano compreende o mundo circundante

Na antiga filosofia natural grega, a natureza não-viva parecia estar repleta de substância movente, a perspectiva predominante era que tudo se move, que tudo está em fluxo. Esta visão básica foi preservada na moderna ciência, movimento e processo energético

são inseparáveis, desde que movimento ou superação do espaço pressupõe uma força que impele a substância. (Reich W., 1950, p. 2)

"A energia orgone cósmica funciona no organismo vivo como energia biológica específica. Como tal, governa todo o organismo; expressa-se tanto nas emoções quanto nos movimentos puramente biofísicos dos órgãos." (Reich, W.1995, p.330)

A psiquiatria se valia da física inorgânica para explicar suas afirmações psicológicas, mas os processos químico-físicos no organismo e a localização cerebral mecânica das sensações e idéias não "davam conta" de uma explicação satisfatória para os processos emocionais; pois não conseguiam fazer a ponte do inorgânico para o orgânico.

Por exemplo, a medicina psicossomática sabe a relação entre o ódio reprimido e a úlcera gástrica, mas ódio reprimido não causa dano à parede do estômago. O ódio pertence ao quadro da doença, mas onde está a ponte entre o processo psíquico-emocional e o processo químico-físico que acontece na musculatura lisa do estômago?

O pensamento funcional reichiano respondeu esta questão. Os dois distúrbios, a úlcera da parede do estômago (físico) e o ódio reprimido (psíquico) que são "funções parciais", condicionam um ao outro, são dependentes um do outro, não podem ser separados e são funcionalmente idênticos à uma terceira "função" específica e mais profunda.

Ambos, úlcera e ódio, originam-se de uma contradição geral do organismo, um distúrbio no campo de "funcionamento bioenergético" (pulsção da energia orgone dentro do organismo, que será explicado mais tarde), são construídos sobre um encouraçamento já presente no organismo. O funcionamento bioenergético é anterior ao funcionamento físico e psíquico. O "encouraçamento" geral não forma a base específica para a úlcera e para o ódio, existem funções que são responsáveis pelo distúrbio bioenergético (da energia no organismo) se localizar onde se localiza, por exemplo, na parede do estômago.

O "Funcionalismo" mostrou que o ódio é uma expressão de certos movimentos musculares. Mostrou também que a supressão de uma excitação de ódio é "funcionalmente" idêntica à contração ou espasmo muscular. O

processo está enraizado numa contração desenvolvida no segmento diafragmático que acompanha todo o ódio silencioso.

O fato de que o "funcionamento bioenergético" total do organismo está anterior às "funções" somáticas e psíquicas não pode ser negligenciado na cura de uma úlcera. O "encouraçamento" geral e com ele a contração diafragmática local só podem ser removidos se o metabolismo adequado da bioenergia for restabelecido por meio da descarga orgástica, o que ficou clinicamente provado por Reich, no decorrer de 40 anos de prática clínica.

O Funcionalismo Orgonômico se coloca, então, como uma ferramenta de pesquisa natural que busca sempre um princípio de funcionamento comum (PFC) de todas as coisas e uma segunda função, que é a contrapartida funcional da "função" recém-descoberta.

Os "funcionamentos" psíquico e físico, por exemplo, nada mais são do que manifestações diferentes de um mesmo movimento energético, ou seja, psíquico e físico são pares funcionais de um mesmo PFC (princípio de funcionamento comum), que é o movimento energético corporal. A pulsação biológica, como podemos chamar este movimento da energia orgone dentro do organismo, está anterior, a configuração orgânica e emocional do indivíduo.

Observador e função natural, sensação subjetiva e estímulo objetivo, percepção e objeto nos aparecerão sob a nova luz de uma UNIDADE FUNCIONAL DE TODA A NATUREZA. Teremos então, que concluir, que a estrutura biológica do observador não pode ser excluída de sua pesquisa. (Reich, W. 1950, p.01).

O "Funcionalismo" dava prioridade à energia, sem ser capaz de provar esta prioridade. Não era uma visão mística, porque Reich rejeitava qualquer visão mística da natureza.

Foi Freud, o primeiro pesquisador em Psicologia, a supor a existência de uma "energia psíquica", contudo, na psicanálise, "idéia" e "afeto ou emoção" eram entidades psíquicas completamente diferentes.

Um processo repressor podia atuar somente sobre uma idéia, deixando o afeto correspondente sem repressão ou podia bloquear somente o afeto e deixar intocada a idéia ou podia ainda, como em certas amnésias, reprimir tanto o afeto como a idéia. Deste modo, não havia nenhuma ligação entre idéias e afetos, estas eram entidades psíquicas diferentes e distintas

Reich investigou a "função do orgasmo" e descobriu, entre outras coisas, que uma idéia sexual como a do ato sexual, não podia ser produzida se as emoções correspondentes estivessem ausentes ou se o organismo tivesse perdido sua alta tensão por meio da satisfação, isto é, por meio da "descarga de energia".

Desta maneira uma idéia estava, de certo modo, mais intimamente ligada ao processo energético do que supunha a teoria psicanalítica.

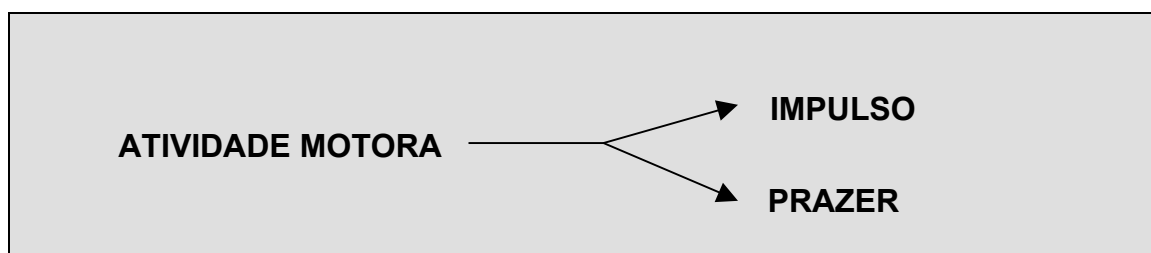
Reich formulou então a primeira técnica funcional de raciocinar:

A SENSÇÃO DE PRAZER NÃO PODERIA SER SEPARADA DA FUNÇÃO DO IMPULSO²

Assim não era o impulso aqui buscando o prazer ali, mas o impulso nada mais era do que a função motora do próprio prazer. (Reich, W., 1950). Desde que a sensação de prazer representava uma função psíquica, e desde que, por outro lado, o impulso representava uma função corporal, um par de funções até agora isolado no organismo foi soldado por um conceito, numa UNIDADE FUNCIONAL. (p.4)

O impulso e o prazer formavam agora uma unidade com relação à atividade motora, de acordo com a figura 1:

Figura 1
Princípio Comum de Funcionamento (PFC) do impulso e do prazer



Fonte: Reich, W. (1950). Funcionalismo orgonômico parte I.

"Esta inovação na técnica de raciocínio não tinha nenhum antecessor na ciência natural", como afirma Reich, W., 1951. Resultou, então, a primeira formulação funcional: "SIMULTANEIDADE DA IDENTIDADE E ANTÍTESE DE DUAS FUNÇÕES." (p.5)

Sensação e excitação são idênticas num princípio comum de funcionamento, ainda indeterminado. Sensação é uma função da excitação, que por sua vez, é uma função da sensação. São inseparáveis, formam uma “unidade funcional” e , ao mesmo tempo, não são idênticas, são diferentes, na verdade, antitéticas uma da outra. (Reich, W.,1950, p.5).

Nessas primeiras observações, a formulação que seria muito importante para o conceito reichiano de consciência teve sua origem: IDÉIAS SÃO “CONCENTRAÇÕES DE UM QUANTO DE ENERGIA”, (Reich, W., 1950, p.5) e deste modo idéias psíquicas podem ser remontadas aos processos energéticos.

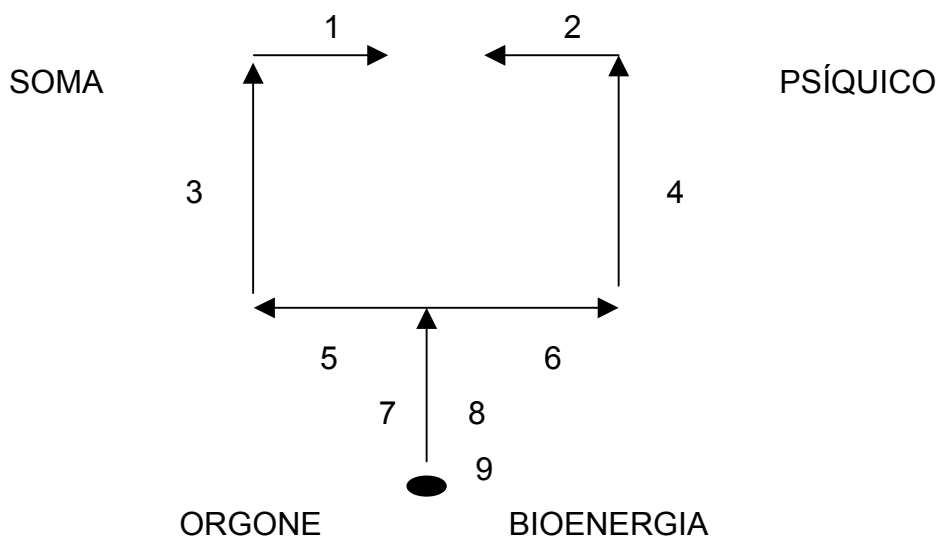
Na filosofia natural existiu somente a concepção monística da unidade do corpo e da alma, a visão dualista do paralelismo psicofísico, a dependência mecanicista-materialista unilateral da mente sobre o soma e a dependência espiritualista (idealista-metafísica) da matéria para o mundo espiritual sobrenatural. (Reich, W. 1950, p.5)

A seguir apresentaremos o diagrama do Funcionalismo Orgonômico contendo as filosofias: MECANICISTA, VITALISTA, PARALELISTA, MÍSTICA-TEOLÓGICA E MONISTÍCA NATURAL.

Esquemáticamente, isto pode ser visto na figura 2:

Figura 2

Símbolo Funcional



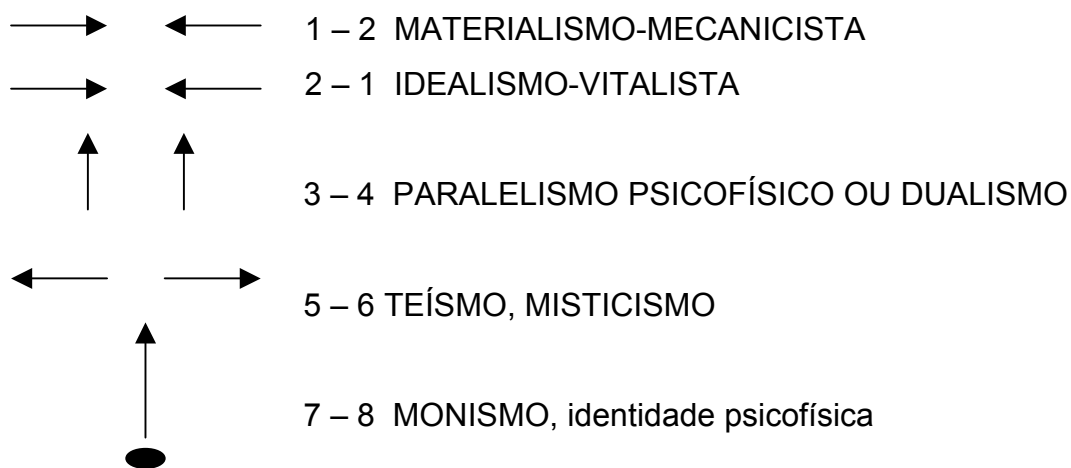
² Impulso na concepção reichiana é o movimento, a ação motora.

Fonte: Reich, W. (1950). Funcionalismo orgonômico parte I.

Figura 3

Diagrama do funcionalismo orgonômico contendo as filosofias:

MECANICISTA, VITALISTA, PARALELÍSTICA, MÍSTICA-TEOLÓGICA E MONISTA- NATURAL.



9 - FUNCIONALISMO, “denominador comum da natureza”, a energia orgone Cósmica.

Fonte: Funcionalismo Orgonômico- Parte II, (Reich, W. 1950, p.6)

Descreve-se a seguir o significado dos números e setas:

1 e 2 - Materialismo mecanicista - há uma antítese absoluta entre psiquê e soma, deriva do funcionamento psíquico unilateralmente da física-química;

2 e 1 - Vitalistas que, inversamente, acreditam que a energia vital cria e determina o soma.

3 e 4 - Paralelismo psicofísico - correm paralelamente, sem qualquer ligação entre si. Os processos somáticos e psíquicos são independentes um do outro e seguem um curso paralelo.

5 e 6 - Teísmo, Misticismo - matéria e espírito, soma e psiquê, instinto e moral, natureza e cultura, sexualidade e trabalho, coisas divinas e terrenas são incompatíveis; mais do que isto, elas são antitéticas. Corpo e mente são divergentes. Representando o pensamento de todo tipo de misticismo.

7 e 8 - Monismo, identidade psicofísica - há somente uma direção, que pode ser vista tanto do lado direito quanto do lado esquerdo - o psíquico e o somático são somente aspectos diferentes da mesma coisa - mas ignoraram a antítese que resulta da divisão do unitário.

9 - Funcionalismo - a energia cósmica, o denominador comum de toda natureza.

O esquema funcional considera as muitas funções autônomas de uma **unidade funcional**. As diferentes funções derivam de uma fonte em comum (**9**); em certos domínios, funções diferentes são idênticas (**7 e 8**); num domínio diferente, elas são divergentes (**5 e 6**); ou seguem paralelas, independentes uma da outra (**3 e 4**); ou finalmente, são convergentes, isto é, se atraem ou influenciam uma a outra no princípio da antítese (**1 e 2**).

Ilustrando em termos concretos: o organismo animal deriva de uma única célula, que está equipada com a função de expansão e contração orgonótica (**9**). A partir desta unidade se desenvolve a função somática bem como a psíquica (**7 e 8**) num ramo unitário.

Ocorre então uma diferenciação: as funções somáticas se desenvolvem por si mesmas, formando no curso do desenvolvimento do embrião, os vários órgãos diferenciados.

Neste período, as funções emocionais não estão desenvolvidas além do estágio primitivo de percepções de prazer e desprazer. No nascimento, soma e psiquê já formam dois ramos de um aparelho unitário (**5 e 6**), as funções dos órgãos de um lado e as funções de prazer e desprazer, do outro. O ramo bioenergético que têm em comum (**7 e 8**) continua a existir.

A partir deste ponto, os dois desenvolvimentos seguem independentemente um do outro (**3 e 4**). Os diferentes órgãos do corpo já foram formados e continuam a crescer. Independentemente disto, a função de prazer-desprazer se subdivide nas três emoções básicas de prazer, ansiedade e raiva e nas várias funções de percepção.

O desenvolvimento e a diferenciação da função de percepção são autônomas, independentes do crescimento dos órgãos. Porém, as duas séries de desenvolvimento estão supridas com energia biológica do ramo comum (**9 e 7 / 8**) na forma do sistema nervoso autônomo. O crescimento dos órgãos,

bem como o desenvolvimento das emoções dependem da função total do aparato vital autônomo.

Fonte: Funcionalismo Orgonômico- Parte II, (Reich, W. 1950, p. 6 e 7)

A psicanálise era materialista e dualista, funcionava com dois tipos de impulsos que não tinham nenhuma ligação entre si; a princípio com os "instintos sexuais" e os "instintos do ego", posteriormente, com os "instintos sexuais" e o "instinto de morte".

"A psicologia negligenciou a quantidade emocional que estava contida na idéia e concentrou-se cada vez mais nos conteúdos, experiências, conflitos, relacionamentos humanos." (Reich, W. 1950, p.7)

O Funcionalismo concentrou sua atenção sobre a "economia de energia" no organismo, ou seja, seu fluxo saudável. "Uma forte fixação na mãe por parte da criança, por exemplo, aparecia agora como uma expressão da estase da libido ou um bloqueio da energia; correspondia assim a um distúrbio na descarga de energia do organismo." (Reich, W. 1950, p.7)

Reich confirmou esta visão, pois o conflito era resolvido se a descarga energética da criança pudesse ocorrer mais uma vez de modo saudável. "Uma criança genitalmente satisfeita não se apega à sua mãe, mas aos amiguinhos de sua própria idade." (Reich, W. 1950, p.7)

A "Orgonomia Funcional" trabalha diretamente com a energia disponibilizada dos bloqueios, que estava sendo gasta na manutenção dos mesmos e volta a circular no organismo. "A meta da terapia orgonômica é a mobilização da energia biológica, da energia orgone no organismo, ou seja, na restauração do reflexo orgástico." (Reich, W. 1950, p.8)

A abordagem funcional-energética conduz da idéia à energia biológica, e da energia biológica à sua origem nas funções gerais de energia da natureza, pois o funcionalismo orgonômico conduziu de modo lógico à descoberta do bión e depois à descoberta da energia orgone cósmica. (Reich, W., 1950, p. 9)

A proposta reichiana com o funcionalismo é pensar o indivíduo como um todo, uma unidade indivisível. "O funcionamento humano acontece de forma integrada e tudo se relaciona num sentido unificado e coerente." (Freire, R. & Da Mata, J., 1993, p.18).

2.3 O Encouraçamento do Organismo Humano:

2.3.1 O que é couraça?

A formação da couraça, segundo Reich, W. (1995), "é a capacidade de se fechar contra o desprazer e evitar a angústia mediante o enrijecimento da periferia." (p.321). Pode, ainda, ser conceituada como sendo o equilíbrio dinâmico de duas forças opostas, de um lado a pulsão para existir e, de outro, a não permissão para este mesmo existir.

Reich descobriu que os mecanismos de proteção da vida tinham a ver com a preservação desta; lidavam com questões de vida ou morte; já os mecanismos de proteção do ego referiam-se à preservação de sua identidade, e os riscos inerentes a ela eram vividos como questões de vida ou morte, embora concretamente não representavam riscos vitais.

A manutenção de estímulos que sejam nocivos à vida ou signifiquem risco para o ego leva a estruturas de respostas limitadoras da vida, que se tornam automáticas e, portanto, inconscientes. Reich chamou de couraças esses mecanismos inconscientes limitadores da pulsação vital. (Reich apud Calegari, D. 2001, p. 65).

Deve-se ter em mente que as defesas são mecanismos naturais de proteção e a patologia está na rigidez e na inconsciência deles, e não no mecanismo em si.

As couraças estão fora da consciência e do CONTROLE VOLUNTÁRIO, são AUTOMÁTICAS. Reich, W. (1998) comenta que "o paciente não a sente como algo alheio; freqüentemente, porém, percebe-o como uma rigidez ou como uma perda da espontaneidade."

RIGIDEZ MUSCULAR = RIGIDEZ PSÍQUICA
ATITUDE MUSCULAR = ATITUDE PSÍQUICA

"Rigidez psíquica e rigidez muscular formam uma unidade funcional, sinal de uma perturbação da motilidade vegetativa do sistema biológico como um todo." (Reich, W. 1995, p.316). A couraça do caráter é funcionalmente idêntica à couraça muscular.

Em resumo, a couraça pode ser definida como sendo:

A FORMA SEGURA DE AGIR, PENSAR E SENTIR, NA VERDADE A
MANIFESTAÇÃO SEGURA DA IDENTIDADE NO MUNDO, SUA SOLUÇÃO
POSSÍVEL.
É A SUA MÁSCARA DE ACEITAÇÃO.

"Todo organismo vivo responde às agressões do mundo exterior fabricando um invólucro protetor: cortiça, membrana, pele, pêlo e carapaça. É um processo vital e universal de adaptação biológica." (Dadoun, R.1991, p. 129).

Reich, W. (1995) defende que a diferença entre a couraça do caráter neurótico (a forma mórbida ou biopática) e do caráter genital (a forma adaptativa, normal ou sadia) reside no fato de que, na primeira, a rigidez muscular é crônica e automática, ao passo que, na segunda, pode ser usada e dispensada conforme a vontade. (p. 321)

É clara a função vital de defesa da couraça, o problema está em sua cronificação, ao invés dela estar a serviço do ego, acontece o oposto, o ego é que se encontra à mercê da couraça.

O artigo de Reich no XIII Congresso de Lucerna (1934) introduziu a idéia de que a expressão corporal de um indivíduo correspondia à sua atitude mental. "Quanto mais Reich avançava na análise das defesas do caráter, mais descobria que toda pessoa neurótica que tratava se achava perturbada enquanto um organismo total." (Boadella, D., 1995, p.113)

Ele explicou que suas observações clínicas revelavam que a inibição de qualquer emoção forte, estava associada a um distúrbio da musculatura corporal, como um espasmo (aumento do tônus) ou flacidez (diminuição do tônus). "Reich falou, então, pela primeira vez da couraça muscular que correspondia à blindagem do caráter" (Boadella, D., 1995, p.113)

Reich já havia verificado que o trabalho persistente sobre as defesas de caráter liberava energia vegetativa, quando o trabalho contínuo sobre as defesas musculares foi introduzido, ele descobriu que obtinha reações vegetativas regularmente e de forma mais intensas.

A couraça, sua natureza, o grau de rigidez e a inibição da linguagem emocional do corpo podem ser facilmente avaliados logo que o analista tenha dominado a linguagem da expressão biológica. A expressão total do organismo encorajado é de retenção. O significado dessa expressão é bem literal: o corpo expressa que está retendo. (Reich, W. 1995, p.336)

"Quando se torna possível, através da análise do caráter, ler as expressões emocionais, o paciente não necessita falar." (Reich, W, 1995, p.335) . Reich desenvolveu, então, a técnica da Análise do Caráter, que pode ir além da compreensão da linguagem falada.

Boadella, D.(1995) cita em seu livro "Nos Caminhos de Reich", diversos psicanalistas que se utilizaram da técnica da Vegetoterapia³, (p. 121) um dos expoentes mais importantes da técnica de Reich foi a Dra. Nic Waal, uma das mais proeminentes psiquiatras na Escandinávia. Nos Estados Unidos, o Dr.Theodore Wolfe, o Dr.Alexander Lowen e o Dr. Jonh Pierrakos destacam-se.

O mundo médico e analítico, entretanto, como ressalta Boadella, reagiu a essa nova técnica ou com silêncio ou com ridicularização. Com silêncio, uma vez que muitos não tinham experiência prática de tais métodos e com ridicularização, pois na ausência de tal experiência e vistas fora do contexto, muitas das idéias de Reich, quando resumidas e abreviadas, de fato soavam extraordinárias e bizarras.

"Por que um psiquiatra estava trabalhando diretamente sobre o corpo?" "O que as correntes bioelétricas tinham a ver com terremotos e com problemas maritais?" Com essas perguntas, afirma ainda Boadella, D. (1985), o psiquiatra A. A. Roback, em seu *Psychology of Character*, pôde rir zombeteiramente do fato de Reich ter comparado o homem a uma medusa, porque ambos tinham uma pulsação rítmica semelhante. (p.122)

³ Vegetoterapia foi desenvolvida gradualmente durante um período de quinze anos 1933-1948, sem descartar a técnica de análise do caráter, introduziu a dissolução da couraça muscular. O nome "vegeto" foi devido à liberação de energia vegetativa conseguida pela flexibilização dos bloqueios, para Reich era a análise do caráter na área do corpo.

Apesar da recusa maciça em considerar a seriedade do trabalho de Reich sobre o caráter dentro do domínio corporal, havia indícios de que seus conceitos estavam avançando dentro da psicologia e da medicina ortodoxa. Em 1970, treze anos depois da morte de Reich, o presidente da Sociedade de Psicologia Analítica, na Sociedade Real de Medicina, em Londres, o Dr. J. W. T. Redfearn, um dos mais destacados analistas junguianos do país, afirmou, sobre *"Experiências corporais em psicoterapia"*: a medicina científica provavelmente tem auxiliado a extirpação da experiência com nossos corpos e com nossos sentimentos".

O Dr. Redfearn descreveu ainda, em seu artigo, como a introdução de algumas técnicas vegetoterapêuticas puderam ajudar no tratamento de uma de suas pacientes. O mais surpreendente é que as idéias de Reich anteriormente consideradas "heréticas", ridículas e, que eram tão mal'-interpretadas, foram apresentadas justamente na Sociedade Real de Medicina, onde era aplaudido pelos seus conceitos caracterológicos.

2.3.1.1 O que é couraça muscular?

É a couraça que limita a vivência corporal muscular. Ela se apresenta ora como tensão, ora como flacidez de músculos isolados ou de grupos musculares. Seu efeito é a limitação do movimento mediante atitudes rígidas do corpo que determinam uma forma específica de agir e sentir.

A couraça é uma contração crônica dos músculos do corpo, representando a diminuição da pulsação energética. A autopercepção também é diminuída e com isso, não acessamos às emoções correspondentes, que ficam armazenadas nos músculos.

Nossa rigidez corporal e comportamental constitui a expressão física de nossas defesas de caráter. Em nossa forma corporal estão inscritas, de modo nítido e legível, as nossas possibilidades habituais de sensações e reações ao mundo. O inconsciente reprimido apresenta-se visível em nossas atitudes e em nossa rigidez.

"A forma expressa o movimento energético congelado. Devemos aprender a ler na forma do corpo o movimento energético corporal." (Reich, W.,

apud Calegari, 2001, p.35). Somos corporalmente aquilo que pensamos e sentimos.

2.3.1.2 O que é couraça de caráter?

É a couraça que ocorre no plano da vivência psíquica. "Paralelamente" à organização da couraça muscular, responsável por nossa forma física e comportamental, estruturamos nossa vivência psíquica, restringindo a possibilidade de percepção e de pensamento.

Baseando-se na teoria de Lamarck, Freud e particularmente Ferenczi distinguiram uma adaptação autoplástica e uma adaptação aloplástica na vida psíquica. Aloplasticamente, o organismo modifica o ambiente (tecnologia e civilização); autoplásticamente, o organismo modifica a si próprio, em ambos os casos, para sobreviver. Em termos biológicos, a formação do caráter é uma função autoplástica iniciada por estímulos perturbadores e desagradáveis do mundo externo (estrutura da família). (Reich, W. 1995, p.166)

Esse encouraçamento se dá no plano cerebral, estruturando idéias, conceitos, preconceitos e interpretações específicas sobre a percepção do mundo e de nós mesmos. Percebemos e pensamos dentro de determinados limites pessoais.

A couraça de caráter manifesta-se como crenças, acreditamos naquilo que temos permissão corporal para acreditar. "As crenças funcionam com uma parede de vidro transparente, não sabemos que as possuímos até o momento em que tentamos ultrapassá-las." Oliveira, M. (2001).

Esta couraça é responsável pela manutenção de um conjunto de idéias e racionalizações por meio do qual nos explicamos a nós mesmos e ao mundo, sustentando assim nossa imagem idealizada. Construimos uma identidade ideológica, mantida em nossa cabeça e sustentada por atitudes corporais. Esta é nossa IDENTIDADE SECUNDÁRIA, NOSSA MÁSCARA.

2.3.2 Qual a função da couraça?

Ela funciona sob a forma de atitudes musculares crônicas e fixas, o EGO assume forma definida a partir do conflito entre:

PULSÃO (necessidade libidinal) X MEDO DO CASTIGO

NECESSIDADE INTERNA X MUNDO EXTERNO

PRINCÍPIO DE PRAZER X PRINCÍPIO DE REALIDADE

Para realizar a restrição da pulsão e lidar com a estase (paralisação) que resulta desta inibição, o ego tem que passar por uma alteração: adquire um modo de reação crônico que funciona automaticamente - CARÁTER.

A couraça segura parte da energia e a outra sai de maneira específica como "funcionamento de caráter". Ela desvia ou enfraquece os golpes do mundo externo e as necessidades internas. O encouraçamento torna a pessoa menos sensível ao desprazer, porém restringe a motilidade libidinal, reduzindo assim, a capacidade de realização e de prazer.

"É ASSIM QUE A COURAÇA CUMPRE SUA FUNÇÃO DE ABSORVER E CONSUMIR A ENERGIA VEGETATIVA."

E é deste modo que o indivíduo segue o curso de sua vida existindo pela metade, prisioneiro de si mesmo, de sua própria estrutura de caráter. Parte da energia vital que estaria disponível para o "seu existir" é gasta na manutenção do bloqueio, na fuga de si próprio.

"A função essencial da couraça muscular é impedir que se produza o reflexo orgástico" (Reich, W., 1995, p.324) - impedir que o indivíduo experimente uma descarga total, que se abandone completamente à convulsão orgástica.

As couraças estão a serviço de um objetivo comum: EVITAR O PAVOR DA DESORGANIZAÇÃO ENERGÉTICA VITAL, ela faz isto diminuindo a vitalidade, limitando o movimento, estruturando a percepção e o pensamento.

A rigidez promovida pela couraça serve à segurança pessoal; quando promovemos a rigidez (imobilidade) no organismo livre, nos sentimos menos ameaçados.

A pessoa não tem consciência de sua couraça, existe apenas a distorção das percepções internas da vida. "A pulsação conduz a percepção, a matéria viva ao pulsar se percebe em seu movimento." (Calegari, D., 2001)

Em um organismo energeticamente saudável as vivências corporais e psíquicas se fundem numa existência unitária e integrada, possibilitando uma

consciência também integrada. Uma autopercepção fragmentada, limitada ou dividida pela presença da couraça gera uma desintegração da consciência e com isso uma não percepção deste "funcionamento unitário".

"Do tipo de sensações dependem os tipos de julgamentos desenvolvidos, as reações baseadas nesses julgamentos e o quadro geral comumente conhecido como visão de mundo." (Reich, W., 1949, p.41).

2.3.2.1 Como se dá o encouraçamento?

O encouraçamento, como vimos, acontece para a proteção do funcionamento energético do organismo. O indivíduo se encouraça para sobreviver, ser aceito e amado. Não é uma função estática, corresponde a uma paralisação do funcionamento do vivo em consequência do equilíbrio dinâmico de duas forças opostas, como dito anteriormente:

O IMPULSO DE EXISTIR E A NÃO PERMISSÃO DESSE MESMO EXISTIR.

O organismo encouraçado funciona assim: do centro biológico surgem os impulsos naturais que por algum motivo (situação ameaçadora) são bloqueados, ficam impossibilitados de se manifestarem, só que não deixam de existir, neste momento, o movimento foi contido e o organismo desenvolverá mecanismos para manter o movimento, a energia, o impulso natural; presos (bloqueio, couraça).

O indivíduo constrói um padrão de funcionamento distinto do biológico, ainda que "estranho" a sua natureza primária, "seguro" à preservação de sua vida.

O corpo assume a estrutura energética de sua luta, sua dificuldade, seus bloqueios e de sua solução possível. A ação espontânea é travada, interrompida e fica armazenada no corpo na forma de tensionamentos musculares crônicos (couraças) e isto não passa nem de longe daquilo que o organismo pretendia na manifestação de seu impulso natural de vida.

O encouraçamento acontece como resposta à angustia que os adultos sentem, diante do recuo reorganizador e as expressões diretas dos anseios, inibindo progressivamente no bebê e na criança as soluções naturais que

manteriam a capacidade de pulsação, ou seja, a negação daquilo que seria a manifestação genuína de sua identidade.

A frustração e os perigos ambientais não são geradores de neuroses, mas fatores estimulantes do crescimento. O problema não é a existência de frustrações, mas a intensidade e a constância com que isso ocorre, levando à fixação de suas soluções.

Os problemas de fato começam quando o ambiente inibe, paralisa, proíbe e mais tarde ridiculariza as soluções naturais diante das frustrações. O ambiente é inicialmente o útero que acolhe o óvulo e depois o feto onde se organizam as bases biológicas e energéticas do novo ser. É posteriormente a mãe com a qual se fará a primeira relação extra-uterina, em que se organizam as formas básicas de relação com o mundo, e mais tarde os ambientes familiar e social que agirão como moduladores dessas formas de relação. (Calegari,D., 2001, p. 80)

Na relação com os pais, a criança aprende que precisa reprimir suas E-MOÇÕES (movimentos expressivos) naturais, exatamente da mesma forma que seus pais aprenderam. Assim como as expressões tornam-se não mais autênticas, mas secundárias. A criança passa a não mais confiar em seu EU, ou seja, na manifestação de sua identidade, porque percebe que seus pais não estão sendo honestos com eles próprios e aprendem desta forma, a serem também emocionalmente desonestas consigo e, por conseqüência, com as outras pessoas.

Com o encouraçamento, o indivíduo segue sua vida negando sua própria identidade, visto que, repetidamente, esta foi impedida de se manifestar. Ele se desvincula do "funcionamento" unitário da "energia orgone" presente nele, no outro e no cosmos, compartimentando o que poderia acontecer como um fluxo natural perdendo com isso, a consciência desta ligação.

A presença da couraça impede o organismo de manter sua orientação natural para a vida, sua percepção e sensação ficam comprometidas.

2.3.2.2 Como se dá o desencouraçamento?

A couraça foi erguida, historicamente, como forma de proteger o indivíduo. Justamente, por ele não ter podido um dia expressar sua identidade no mundo, vicia em um padrão de funcionamento, que embora não seja a expressão natural do movimento da vida, foi a maneira segura de ser e estar no mundo.

Hoje, apesar de não ter mais a fragilidade do aparato vital de antes, quando era somente um organismo ainda frágil e que não conseguiria suportar o *quantum* energético (quantidade e qualidade) das emoções, ele guarda, enraizada no seu funcionamento de caráter, a "crença" de não suportar todo o fluxo energético de sua natureza primária.

O corpo não "abre mão" da couraça enquanto não suportar o fluxo energético de uma pulsação livre. Um organismo acostumado a um *quantum* relativo de carga, negar-se-á, por segurança, em permitir o aumento da mesma.

Precisa-se, então, mudar, pouco a pouco, o padrão de funcionamento; de um nível de menor carga para outro de maior carga. Ir abrindo espaços dentro da estrutura corporal que se encontra enrijecida e conseguir que o organismo, pouco a pouco, suporte esta expansão.

COMO ISTO ACONTECE?
EIS AÍ O QUE NOS INTERESSA!
"RESPIRAÇÃO E MOVIMENTO"

O bloqueio é responsabilidade do sistema nervoso vegetativo, não se percebe a couraça. O trabalho primeiramente vai ser de tomada de consciência. Na posição de "GROUNDING", o corpo se aterra, dando "continente" e segurança para que se possa permitir a expansão energética que trará um aumento da autopercepção, com isso o bloqueio é percebido. O aumento da carga é conseguido através da respiração. Inspiração e movimento para, literalmente, abrir espaços dentro de um organismo endurecido e com movimentação interna e externa limitada.

O "corpo ergueu" o encouraçamento; "ELE FEZ, ELE SABE COMO DESFAZER". Para isso é necessário que se carregue o organismo (forneça mais carga), que se deixe a atenção no corpo, porque ONDE ESTIVER A

ATENÇÃO ESTARÁ TAMBÉM A CONSCIÊNCIA E ONDE ESTIVER A CONSCIÊNCIA, ESTARÁ NOSSA ENERGIA.

Dessa forma, o indivíduo terá possibilidade de manter a conexão consigo, com suas emoções e sensações e através do contato com sua essência (a essência da vida é pulsante), com sua energia primária em movimento, será possível transformar o "padrão de funcionamento" estabelecido.

A desconexão do indivíduo consigo reduz sua autoconsciência, ora, se a energia está onde a consciência está, devemos, então, entender que o ser encorajado encontra-se privado de parte de seu potencial energético. A falta de autopercepção não é causada pelo bloqueio, ambas, têm um mesmo PFC (princípio de funcionamento comum): a pulsação energética alterada.

A conclusão lógica que podemos tirar deste raciocínio é de que, quanto mais livre a pulsação da energia orgone corporal mais flexível estará o bloqueio e maior será a percepção do indivíduo, inclusive de sua couraça. A couraça que antes não era percebida, passa agora, a ser sentida e identificada pelo indivíduo.

"A autopercepção íntegra significa que a pessoa percebe suas sensações corporais como fazendo parte de seu eu." (Reich, W.1995, p. 407). Reich diz que a autopercepção constitui a autoconsciência e que do estado da autopercepção no indivíduo depende sua consciência, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

Embora até o tipo de descoordenação da consciência reflita o tipo de desintegração na autopercepção, a consciência aparece como função mais elevada, desenvolvida no organismo posteriormente a autopercepção.

"Um organismo saudável funde as vivências corporais e psíquicas numa existência unitária e integrada que possibilita uma consciência também integrada." (Calegari, D.2001, p. 54). O mesmo autor lembra, ainda, que Reich em seu livro **Análise do Caráter**, diz que o anel visual ao fundir as vivências corporais e psíquicas, organiza a autopercepção, base sobre a qual se constitui a consciência.

O desencorajamento vai acontecendo gradativamente; num primeiro momento deve-se tomar consciência das couraças, flexibilizar os bloqueios, o que possibilitará um aumento da energia vital. De acordo com Bichara,

V.(2002) o fluxo será aumentado pela disponibilização da energia que estava sendo usada na manutenção dos bloqueios.

Este aumento de carga, em um organismo que não estava acostumado com este quantum energético, será sentido, primeiramente, como agonizante. Deve-se ter o cuidado de integrá-lo à consciência para que não desorganize ainda mais a configuração energética corporal do indivíduo.

"É preciso apenas localizar o bloqueio: o que bloqueia a vida de uma pessoa, como ela está bloqueada, e ajudá-la a se desbloquear. Quando ela conseguir isso, suas funções vitais se reorganizarão naturalmente." (Freire, R. & Da Mata, J. 1993, p. 18)

O movimento de flexibilização das couraças é o "movimento expressivo" que está aprisionado no "cerne do organismo", quando se acessa a identidade o movimento acontece espontaneamente, de dentro para fora e com isso o fluxo energético que se encontrava aprisionado pela presença da couraça vai sendo liberado.

Primeiramente, como foi dito, a sensação do fluxo energético é sentida como agonizante, à medida que o corpo vai conseguindo suportar este aumento da carga, ele próprio vai permitindo o aumento do fluxo e através de movimentos associativos, numa vivência integradora, vai transformando o "padrão de funcionamento" de um nível de menor carga para um de maior carga.

Uma das características do estado neurótico é o distanciamento da auto-regulação em direção à heterorregulação, a pessoa vive a representação de papéis e personagens que correspondem às exigências alheias. Daí a sensação de incompetência e impotência geral, sobretudo amorosa e sexual, decorrente da falta de energia desperdiçada pela heterorregulação. (Freire, R. & Da Mata, J.1993, p.19)

Nesse momento é preciso, mais que nunca, o respeito à auto-regulação primeiro quanto ao "passo possível" que o indivíduo pode dar e, segundo, que se integre à consciência esse *quantum* energético que foi disponibilizado do bloqueio para que seu "funcionamento" não se desorganize mais ainda.

"A auto-regulação espontânea é determinada pela busca do prazer." (Freire, R. & Da Mata, J. 1993, p. 19). A integração do "quantum" energético disponibilizado do bloqueio acontece através de movimentos amplos e

prazerosos que surgem do "cerne biológico" e são completamente involuntários. O corpo precisa perceber-se confortável fora do bloqueio para permitir esta mudança no "padrão de funcionamento".

O fato, verificado por Reich, de que o ser humano é constituído da mesma energia do universo explica o anseio de fusão com o outro e com o cosmos, o desbloqueio energético resgata a consciência desta ligação e traz a compreensão deste anseio.

A incompreensão e a falta de consciência deste anseio desvirtua esta ligação, mistificando-o na necessidade de se ter uma crença ou uma doutrina, ou ainda, de se esperar por um paraíso além da vida. A base fisiológica do anseio místico é o anseio de fusão, com o outro e com o universo, da "energia orgone" livre de massa presente em cada um.

Quando o indivíduo, então, inunda-se com a sua própria energia numa sensação de EXISTIR POR INTEIRO e quando alguém experimenta estar de posse de si mesmo, dentro da sensação de existir enquanto identidade e, ao mesmo tempo, ser uma unidade com o oceano cósmico, NÃO TEM MAIS JEITO!

E mesmo que o trabalho de dissolução das couraças represente uma longa caminhada em direção à liberdade, nunca mais o indivíduo se contentará em EXISTIR PELA METADE.

Vale lembrar que a rigidez muscular e a rigidez psíquica são uma unidade funcional com um mesmo PFC (princípio de funcionamento comum), por isso o processo de desbloqueio não pode ser pensado de forma dissociada. Reich relata, em seu livro **Análise do Caráter**, sobre um paciente que após a recordação do conteúdo de uma idéia recalcada usou a expressão: "É como se eu tivesse experimentado uma satisfação sexual".

Esse alívio é produzido por uma descarga parcial da energia orgone, o que significa que esse conteúdo foi mexido. Porém, como ressalta Reich, esse alívio não constitui uma cura. Da mesma maneira poderíamos pensar com relação a uma atividade física composta por movimentos dissociativos. Entendemos como movimentos dissociados aqueles que são desconectados de sua emoção correspondente

"O homem é um ser com inerente necessidade de se movimentar." Kunz, E. 1998 (p.27), assim sendo, a prática de qualquer atividade física significa o

"resgate do direito ao movimento", que os confortos da modernidade, cada vez mais, priva os indivíduos. Deixando-os mais aprisionados e impossibilitados de se exercerem enquanto totalidade.

Mesmo no mais absoluto repouso, ainda assim, estamos em constante estado de pulsação, se a essência da vida é pulsante, estar em movimento, sem dúvida, é estar mais próximo da vida.

O que vale apenas ressaltar é que, embora o movimento mecânico produza, de certa forma, alívio pela descarga parcial da energia estagnada, ele não representa a cura. Todas as pessoas que praticam alguma forma de atividade física sabem do bem-estar sentido após o exercício. Os níveis orgânicos do neurotransmissor serotonina são aumentados, a manifestação corporal e psicológica dessa reação química é sentida como bem-estar de todo organismo.

Algumas formas de atividade física, a capoeira, por exemplo, flexibilizam os bloqueios, no entanto não os dissolvem. A pessoa volta a tensionar devido ao funcionamento crônico das couraças. Dentro do pensamento funcional é uma atuação unilateral e, por isso, incompleta.

A musculação e/ou a ginástica localizada, da forma como são executadas reforçam os tensionamentos, ambas poderiam ter resultados terapêuticos se fosse respeitada a configuração energética do indivíduo. Como dito anteriormente; primeiro flexibilizando a musculatura, alongando regiões tensionadas, tonificando regiões flácidas e, posteriormente, integrando esse processo à consciência.

A atividade física de uma forma geral, incluindo as práticas desportivas, servem de alívio para a estase energética, funcionam como descarga parcial da energia orgone corporal e apesar de não constituírem uma cura não podem ser desprezadas, devem sim, ser repensadas.

2.4 Disposição segmentar da couraça

Por meio de seus dez anos de trabalho clínico na busca da prevenção e cura das neuroses, Reich pôde observar que os bloqueios musculares individuais não seguiam o percurso de um músculo ou de um nervo, eram

independentes dos processos anatômicos. "Ao examinar cuidadosamente casos típicos de várias doenças, à procura de uma lei que governe esses bloqueios, descobri que a couraça muscular está disposta em segmentos." (Reich, W.1995, p. 341).

Os bloqueios têm uma estrutura circular segmentar, formando ângulos retos com a coluna vertebral. No organismo encoraçado a energia orgone, que circularia livremente no sentido longitudinal, está contida na contração crônica dos músculos, as couraças estão dispostas em segmentos transversais ao fluxo desta corrente.

"Quando digo que a couraça está disposta em segmentos, quero dizer que ela funciona de maneira circular, na frente, dos lados, e atrás, isto é, como um anel." (Reich,W.1995, p. 341). Dentro do Funcionalismo Orgonômico, o entendimento do ser humano difere da visão mecanicista, visto que o "funcionamento" do organismo não obedece a divisão cartesiana proposta pelos atlas de anatomia.

"Em termos biofísicos, um segmento termina e outro começa quando um deixa de afetar o outro em suas ações emocionais." (Reich,W.1995, p. 342). Um segmento corporal compreende aqueles órgãos e grupos musculares que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional.

O caráter segmentar das couraças é revelado ainda, pelo fato de que todo bloqueio muscular e emocional em cada região do organismo, afeta áreas horizontalmente adjacentes e que comungam de uma mesma "função"⁴.

Um exemplo disso é que a couraça do terceiro segmento compreende essencialmente a musculatura profunda do pescoço e da língua. "Basta imitar o movimento expressivo da atitude de raiva ou de choro e não se terá dificuldade em compreender a função emocional do pescoço." (Reich,W.1995, p. 345). O autor explica ainda que a musculatura da língua liga-se ao sistema ósseo cervical e não aos ossos faciais inferiores. Isto traduz porque os espasmos desta musculatura estão ligados funcionalmente à compreensão do pomo-de-adão e à contração da musculatura profunda e superficial da garganta. Além disto, pelos movimentos do pomo-de-adão é possível dizer quando alguém está literalmente "engolindo" a raiva ou o impulso de choro.

Essa estrutura segmentar da couraça que é transversal ao eixo do corpo funciona como "cintas" que seguram e diminuem o fluxo da corrente. Com o trabalho de desbloqueio, a energia corporal flui no sentido longitudinal e corre em direção às contrações transversais que ainda não foram dissolvidas. A sensação do bloqueio que era muito fraca ou totalmente ausente torna-se mais perceptível.

Este é o grande problema do fenômeno da couraça; o fato dele acontecer de forma automática e inconsciente no aparato vital. A pessoa não tem consciência de seu bloqueio, apenas a distorção de suas percepções.

Reich chegou a Freud através da sexologia, como ele mesmo relembra em seu livro, "A Função do Orgasmo" (1998). No qual ele relata sua comprovação da intuição freudiana (1894) de "que toda doença jaz num bloqueio da energia sexual" e "que a psicanálise deverá um dia estabelecer-se sobre uma base orgânica".

Ele observa que a neurose atual é alimentada pela estase energética, que tem na sexualidade insatisfeita sua força motriz. Estabelece a relação entre a neurose e o sistema vegetativo e derruba as fronteiras entre o psíquico e o somático.

Descobre então, que a atitude biofísica básica do organismo não encorajado é de entrega ao fluxo da corrente, entrega ao fluxo natural da vida. O "caráter genital", como denominado por Reich, W. (1995) "também tem couraça", possui a capacidade de se fechar contra o desprazer, contudo esta não é uma atitude crônica, pode ser dispensada conforme a vontade. O indivíduo é capaz de reagir de maneira biológica à uma situação específica. (p.321)

Já a atitude biofísica básica do organismo encorajado é de retenção, impedimento ao livre fluxo energético. Sua couraça é crônica e funciona de forma autônoma e inconsciente, não pode ser dispensada conforme a vontade. Tem a capacidade de fechar o organismo, não só contra o desprazer, mas contra qualquer manifestação emocional genuína.

A incapacidade de pulsação e convulsão plasmática no ato sexual, isto é a impotência orgástica, é o resultado desta retenção. A retenção funciona como uma estase da energia sexual dentro do organismo, que resulta nas biopatias.

⁴ Reich usa a palavra função, porque entende que na natureza, não existem causas e efeitos, o que existe

Dadoun, R. (1991, p. 72) ressalta que, para Reich, "biopatias são doenças provocadas por perturbações da pulsação biológica do aparelho autônomo da vida"

"A função essencial da couraça muscular é impedir o reflexo do orgasmo" (Reich, W. 1995, p. 340), momento em que se fundem todas as pulsações internas em um só movimento de entrega e o indivíduo na fusão com outro organismo, descarrega seu excesso de energia.

Esses processos observados por Reich, representam funções primárias do sistema plasmático, são funções primordiais. É o enraizamento do homem na natureza, o que ele chamou de funcionamento do VERME no homem.

"No verme e na lagarta, a função de locomoção é inseparável do movimento ondulatório plasmático. A conclusão lógica é que a energia biológica que está sendo transmitida nesses movimentos de onda." (Reich, W. 1995, p. 344). Movimentos esses que são iguais, como Reich pôde observar, aos movimentos internos dos bions.

"O movimento ondulatório do orgone corporal é lento e corresponde, totalmente, em ritmo e expressão, às excitações emocionais que, na função de prazer, sentimos subjetivamente de maneira claramente ondulatória." (Reich, W. 1995, p. 344).

No organismo encouraçado, a energia orgone está contida na contração crônica dos músculos. A energia liberada flui no sentido longitudinal, dando à pessoa a sensação de bloqueio, que antes era muito fraca ou ausente, visto que em seu corpo não havia corrente plasmática livre. Como as couraças estão dispostas em segmentos transversais ao fluxo das correntes, então, a pulsação orgástica só pode funcionar depois de afrouxados todos os anéis de bloqueio.

As sensações de cada órgão do corpo só podem se fundir numa sensação de totalidade quando acontecem as primeiras convulsões orgásticas. A energia não começa a fluir livremente assim que os anéis dos bloqueios são afrouxados. As primeiras reações são de tremores, comichão e formigamento.

"O afrouxamento de cada anel, que não obedece a uma ordem mecânica em seu processo de flexibilização, libera as correntes orgonóticas que primeiramente são sentidas como agonizantes" (Reich, W. 1995, p. 346).

Essas sensações de agonia podem ser compreendidas pelo fato de que esse aumento no fluxo da corrente é algo novo e estranho ao indivíduo. Neste momento, o organismo funciona abrindo espaços dentro dele mesmo. "As sensações genuínas de ondas de excitação plasmáticas só podem ser experimentadas quando se dissolveu toda uma série de segmentos da couraça." (Reich, W.1995, p. 344).

"O desejo de se fundir com outro organismo no abraço genital é tão forte no organismo encouraçado como no não encouraçado." (Reich, W. 1999, p. 37). A diferença é que no organismo encouraçado a satisfação total está bloqueada pela presença da couraça e o que acontece é só uma descarga parcial.

Existe um provérbio chinês que define o orgasmo como sendo "O morrer no outro." No entendimento da orgonomia, "o morrer no outro" é real, no momento do orgasmo, o limite corporal é desfeito e acontece uma fusão. O que antes eram dois "sistemas orgonóticos", tornam-se um só plasma pela fusão dos dois campos de "orgono-energia". É uma morte e um renascimento, no sentido de ser uma dissolução momentânea da identidade com o todo, no qual o ser satisfaz seu anseio de re-ligação com o todo, através do outro.

A idéia que o indivíduo faz de si, é aquilo que ele percebe como sendo seu "funcionamento" e isto está longe de ser sua real possibilidade de manifestação, é apenas a possibilidade atual. Ninguém, que nunca se experimentou fora do bloqueio, consegue dimensionar o que seria existir por inteiro, de posse de toda a sua "potência" de existir.

2.5 Energia orgone

Depois que Freud adquiriu um câncer na garganta, Reich (que tinha construído muitos laços afetivos, inclusive uma transferência paterna, em relação a Freud) dedicou-se à pesquisa sobre o câncer. Em seu laboratório, onde acompanhava ao microscópio o processo de putrefação dos tecidos animais e vegetais, descobriu os "BÍONS" (1936). Os "bions" eram vesículas intensamente carregadas de energia, presentes em tudo que existe, correspondem a unidade funcional de toda a natureza.

Examinou-os como estruturas menores que as células que preservam a organização energética com os movimentos de pulsação (expansão e contração). Observou a cor azul de todas as estruturas vivas, quando examinadas ao microscópio óptico de alta potência (5000X) em condições naturais. Iniciou, então, uma série de experimentos, usando substâncias e recursos físicos que facilitavam a expansão e a contração, concluindo que era possível produzir bions a partir de qualquer material, orgânico ou inorgânico.

A formação da matéria viva no Experimento XX (experimento relatado no livro **A descoberta dos Bions**, volume II, “A Biopatia do Câncer”) mostra que os processos de expansão e contração efetuados repetidamente podiam levar não só à biogênese como também à organização da matéria orgânica e ao aparecimento do elemento químico carbono.

O professor Roger du Teil, em 1937, do Centre Universitaire Méditerranéen em Nice, na França, interessou-se por seus trabalhos e repetiu as experiências bions e chegou a conclusões análogas. (Reich, W, apud Boadella, 1985, p. 142)

Du Teil, em seu comunicado à Sociedade de Filosofia Natural, em Nice, forneceu uma explicação cuidadosa das descobertas de Reich - ele contava com a assistência dos Drs. Ronchese e Saraille e do Sr. Deel, bacterologista de Cannes e com as instalações de um laboratório de análises que possuía microscópios binoculares capazes de uma ampliação superior a 3.000X (necessários a observação dos Bions).

A Académie des Sciences passou o relatório de Reich e as preparações ao Dr. Louis Lapique do Laboratoire de Physiologie Générale da Sorbonne, que confirmou que os movimentos semelhantes a matéria viva ainda estavam ativos na preparação de bion um ano após e que isto era surpreendente devido ao tempo decorrido.

Reich trabalhou no difícil campo em que muitos pesquisadores o haviam precedido, o da zona limítrofe de transição do inorgânico para o orgânico e, em 1939, foi eleito membro honorário da Société Internationale de Plasmogénie no México, que se dedicava ao estudo das soluções coloidais e das formações plasmáticas, pelo reconhecimento de seu trabalho sobre a desintegração vesicular.

Boadella, D. (1995) relata que quando o livro *Die Bione* surgiu, em 1938, descrevendo sua descoberta dos bions, mais dois eminentes noruegueses juntaram-se na campanha jornalística difamatória contra Reich. Ingjald Nissen, um destacado psicanalista publicou um artigo na imprensa no qual se referia à psicanalistas charlatões que praticavam "uma espécie de relaxamento meio medicinal" que apenas leva à "excitação sexual". Johann Scharffenberg também psicanalista, segue o exemplo de Nissen e publica um artigo sobre "Psyco-analytic Quarckery" com o título; "São os experimentos do Dr. Reich cientificamente válidos?" (p. 148)

Numa extensa campanha de difamação, faziam insinuações sobre a sanidade de Reich e sugeriam que a sua qualificação médica era suspeita. Incluíram a pesquisa bioelétrica em sua difamação, insinuando que o experimento principal havia envolvido intercursos sexuais entre psicopatas. Acusavam-no de "Deus Reich".

Durante quase toda a campanha, como atesta Boadella, "Reich manteve praticamente silêncio total, apelando somente duas vezes à decência de seus oponentes: uma vez para que o deixassem em paz até que publicasse o relato final e outra para convidar a uma completa investigação pública de suas pesquisas."

Silêncio que rendeu, do poeta e amigo norueguês Arnulf Overland, quando se referiu à devoção dedicada e serena de Reich, a afirmação: "Nunca experienciei serenidade tão turbulenta"

Nissen e Scharffenberg estavam tentando impedir o trabalho terapêutico de Reich e pressionavam o governo a não permitir sua permanência no país. O desenlace da campanha, que teve quase uma centena de artigos, foi a publicação de um Decreto Real Superior estabelecendo que qualquer pessoa que praticasse a psicanálise deveria ter uma licença especial do governo.

Poucos artigos enviados em sua defesa foram publicados, entre eles uma carta de Malinowski (Boadella, D. 1995, p. 80) na qual dizia que: "O Dr. Reich havia impressionado como um pensador legítimo e original, e que seria a maior perda se ele fosse de qualquer modo impedido de usufruir de todas as suas facilidades relativas à realização de suas idéias e descobertas científicas".

Reich porém, continuava incansável em suas pesquisas sobre os bions. No final de 1938, Theodore Wolfe que havia vindo dos Estados Unidos para

estudar com Reich sabendo das dificuldades de sua permanência na Noruega, convida-o para mudar-se para a América, dizendo que lá Reich encontraria uma atmosfera mais agradável para o seu trabalho.

Antes de se mudar, porém, Reich fez mais uma descoberta, sua assistente por engano pegou areia no lugar de terra. Os bions SAPA, posteriormente denominados por ele, produzidos a partir da areia (SA - sand, PA - packed) mostraram ser mais fortemente radiantes e de mais fácil reprodução em laboratório.

A contínua observação dos bions SAPA ao microscópio provocou-lhe intensa irritação nos olhos. Temendo tratar-se de radioatividade, pediu prontamente exames de seus materiais, porém nada foi constatado. Tratava-se, portanto, de outra forma de irradiação. Observara também a imantação de todos os materiais metálicos de seu laboratório. Imaginou que tal irradiação estaria espalhando-se por toda parte.

Iniciou experimentos com eletroscópios e estudou o comportamento distinto dos materiais orgânicos e metálicos expostos às culturas de bions. Construiu caixas com materiais orgânicos e metálicos para isolar as irradiações, ao mesmo tempo que procurava visualizá-las em ambientes de completa escuridão. Em suas caixas de isolamento, após retirar as culturas de seu interior e constatar que a radiação continuava lá, descobriu o acumulador de energia.

Verificou que suas luvas de borracha expostas no laboratório apresentavam intenso efeito eletroscópico. Ao serem lavadas ou expostas ao vento, o efeito desaparecia, porém ao colocá-las em exposição ao sol, o efeito retornava. Concluiu que a energia observada nas estruturas vivas também estava nos materiais não-vivos e na atmosfera. Não se tratava, portanto, de uma bioenergia ou de uma bioeletricidade, mas de uma energia cósmica que permeava tudo, produzindo efeitos distintos ao atuar sobre os diversos materiais.

A bioeletricidade passa a ser vista como uma manifestação da energia cósmica que atua na vida. A essa energia cósmica, primária e anterior à matéria e à vida, Reich deu o nome de ENERGIA ORGONE (1939).

No Experimento XX descrito em seu livro *La Biopatía del Cáncer* - segundo tomo de *El descubrimiento del orgón* (1985), Reich chega às seguintes conclusões:

A formação de matéria plasmática a partir de energia orgônica concentrada indica um processo geral através do qual se constitui matéria a partir da energia. Isto nos leva a considerar a energia orgônica como a energia cósmica primordial. (p. 85)

A energia orgone, segundo Reich, é a energia primária que preenche o universo, é anterior à formação da matéria, é sua criadora. Ela permeia tudo, pode ser demonstrada em toda parte, inclusive no vácuo estabelecendo relações específicas com várias formas energéticas. Tem um funcionamento antientrópico, ou seja, promove um fluxo energético do potencial mais baixo em direção ao mais alto, acentuando assim as diferenças, criando desigualdades e individualidades energéticas, seja na formação da matéria, de astros e galáxias ou da própria vida.

Segundo os resultados obtidos em nosso Experimento XX, a evolução do plasma vivente precedeu em nosso planeta a organização do carbono e dos hidratos de carbono. O carbono é um produto da desintegração da matéria vivente. As moléculas bioquímicas não existiam antes do desenvolvimento da substância plasmática, só apareceram como um dos elementos mecânicos no processo de organização plasmática. (Reich, W. 1985, p. 86)

Reich constatou ser o azul a cor básica da energia orgone, no exame ao microscópio óptico de 5000X, as células vivas, os glóbulos vermelhos e os bions apresentam a coloração azul. O céu é azul em função do envoltório de energia orgone que se adensou em torno do planeta. Os mares, lagos e rios profundos são azuis graças à alta concentração de energia orgone.

A característica básica da energia orgone é a pulsação, ela se expressa por um movimento de onda a deslocar-se no espaço e por um pulso alternando movimentos de contração e expansão. Tanto a frequência da onda quanto o ritmo do pulso não são constantes nem previsíveis.

Gostaria de trazer a música de Walter Franco, que conhecemos na voz de Leila Pinheiro, que intui sobre este funcionamento da vida:

"Amor vim te buscar em pensamento, cheguei agora no vento.

Amor não chora de sofrimento, cheguei agora no vento.

Eu só voltei pra te contar, viajei fui pra Serra do Luar.

Eu mergulhei. Ah!

Eu quis voar, agora vem, vem pra terra descansar.

Viver é afinar, o instrumento de dentro pra fora, de fora pra dentro.

***A toda hora, a todo momento,
de dentro pra fora de fora pra dentro.***

***A toda hora, a todo momento,
de dentro pra fora de fora pra dentro.***

Tudo é uma questão de manter.

A mente quieta a espinha ereta e o coração tranqüilo.

A mente quieta a espinha ereta e o coração tranqüilo"

A energia orgone é viva, vibrante, pulsante e impossível de ser equacionada mecanicamente. Ela se move, se desloca no espaço em movimentos ondulatórios espiralados, alternando momentos de expansão e contração.

A mudança do verde para o amarelo no outono e do amarelo para o verde na primavera se torna, perfeitamente compreensível em termos do funcionamento orgonótico. De acordo com as investigações clássicas, o verde é o resultado de uma mistura do amarelo com o azul. O azul é a cor específica da energia orgone, visível na atmosfera, no oceano, nas nuvens, nas células "vermelhas" do sangue, no protozoa, etc, e as placas fotográficas ortocromáticas após a irradiação com os bions de terra. Agora, parece claro que o amarelo das folhas no outono é devido ao desaparecimento do azul a partir do verde e, portanto, o retorno para o verde na hera é devido à nova absorção da energia orgone da atmosfera. Deste modo, o verde das folhas é o resultado da mistura da resina amarela e do azul atmosférico. (Reich, W., 2001, p. 26)

Precisamos compreender o organismo vivo como uma porção organizada de oceano orgone cósmico, possuidora de qualidades especiais chamadas "VIVAS".

Numa sala de observação de energia orgone, forrada de metal, completamente escura, Reich observou unidades luminosas de energia orgone fazendo uma trajetória de onda espiralada. As duas unidades de energia orgone livre de massa atraíam-se e aproximavam-se até superpunham-se (curvavam em torno de si mesmas). A massa inerte estava, então, sendo criada pela superposição de duas ou mais unidades de energia através da perda de energia cinética e da curva abrupta da trajetória alongada em direção a um movimento circular.

Reich pôde constatar, então, que a massa emerge do movimento sobre si mesma, a partir da energia cinética congelada. "A biofísica orgone prova uma relação funcional entre a forma do movimento e a forma da matéria viva" (Reich, W., 2001, p. 27)

O ser humano é feito da mesma "energia orgone" da atmosfera e do restante do cosmos, a parte desse orgone livre de massa, Reich chamou de "orgonome bioenergético", que ultrapassa o domínio do "orgonome material" que forma nossos músculos, ossos e todos os demais órgãos.

O anseio de fusão cósmica e fusão com o outro através da descarga orgástica é "função" desta energia livre de massa e que ultrapassa os limites corporais. As convulsões orgásticas representam tentativas extremas do orgone livre de massa dos dois organismos se fundirem, de se entregarem um dentro do outro.

"Enquanto a energia de um organismo flui para o sistema energético do segundo organismo, a energia orgone livre de massa, na verdade, consegue transcender os limites do orgone material, ou seja, o organismo, e, ao fundir-se com um sistema orgonótico fora dela, continua a fluir." (Reich, W., 2001, p. 41) Os limites corporais dissolvem-se como em uma morte repentina, todas as funções psicológicas cessam e o que fica é uma sensação subjetiva de alívio, liberação, satisfação e gratificação.

"O anseio orgástico, que desempenha um importante papel na vida animal, aparece agora para expressar esta superação do próprio eu, este anseio de sair dos estreitos limites do próprio organismo." (Reich, W., 1995 p. 340) Reich fala, ainda, do porquê da idéia de morrer estar de modo tão freqüente representada no orgasmo. Na morte, a energia biológica ultrapassa, também, os limites corporais em que esteve aprisionada.

Assim, podemos ver melhor este quantum de energia chamado HOMEM, que pela presença da couraça, passa pela dissociação do impulso vital presente em tudo que é vivo, tendo como consequência o afastamento de si próprio e do fora de si, perdendo assim a possibilidade de pertencer à unidade funcional do existir, surgindo, por isso, o que Reich chamou de "domínio do homem".

2.6 Movimento expressivo

O funcionamento do organismo vivo, no sentido reichiano do termo, está além de todas as idéias e conceitos verbais.

A linguagem e as representações verbais são funções vitais que têm origem numa fase relativamente tardia do desenvolvimento biológico. O organismo vivo já funcionava antes, e continua tendo um funcionamento que vai além do uso dos sons como forma de expressão. (Reich, W.1995, p. 334)

Reich verificou que o organismo vivo se expressa em movimentos e este "movimento expressivo", como conceituado por ele, é uma característica inerente ao protoplasma, e é o que o distingue de todos os sistemas não-vivos.

Apesar da linguagem refletir o estado emocional plasmático de maneira imediata, ela não é capaz de alcançar esse estado em si. A razão disso é que o início do funcionamento da vida é muito mais profundo do que a linguagem e está além dela. Ademais, o organismo vivo tem seus próprios modos de expressar o movimento, os quais muitas vezes simplesmente não podem ser colocados em palavras. (Reich, W.1995, p. 333)

Reich, W.(1995) observa ainda que "a linguagem humana além da comunicação funciona como defesa e que a palavra falada esconde a linguagem expressiva do "núcleo biológico." O paciente, na tentativa de não entrar em contato com seu cerne biológico e, conseqüentemente, com suas emoções mais profundas, fazia o que ele chamou de "uso patológico" da linguagem (p. 334)

A linguagem musical, por exemplo, dá expressão ao movimento interno do organismo vivo e escutá-la provoca o que Reich denominou de "sensação de um arrebatamento interno". Isto é explicado pelo fato de nossa identidade ser permeável à música e esta conseguir ultrapassar os bloqueios que nos protegem do contato com nossas emoções mais profundas.

Qualquer um pode experimentar este arrebatamento interno provocado pela música, através de suas próprias sensações viscerais (sensação interna de órgão). Isto é, a pulsação do orgone fora do corpo que pode ser imediatamente sentida através dos órgãos de percepção energética, as vísceras.

Esta não-imunidade ao contato orgonótico pode ser experimentada também quando estamos diante do mar que, segundo o que Reich pôde comprovar através de seu Experimento XX⁵, é a maior concentração de orgone do planeta. Qualquer ser humano, por mais encorajado que seja, fica extasiado frente ao mar e pode sentir claramente que algo acontece em seu corpo.

Voltemos, então, ao significado da palavra EMOÇÃO (ex movere), no sentido literal, significa "mover para fora"; qualquer emoção, manifesta em um organismo vivo, é a expressão de um movimento em seu protoplasma.

O movimento do protoplasma, conforme já vimos, expressa-se por uma pulsação, a alternância entre contração e expansão. A contração é um movimento do protoplasma em direção ao centro do corpo, observado por Reich como sendo um movimento energético de "fuga do mundo" em direção ao cerne biológico. A expansão, que é sua antítese, ocorre do centro para a periferia, ou seja um movimento energético em "direção ao mundo".

Este movimento de pulsação, que Reich observou e constatou, está presente no funcionamento de todos os organismos vivos e não vivos, desde os mais simples até organismos mais complexos como é o caso do ser humano.

Nossas emoções são a resposta às impressões do mundo (interno e externo). A impressão sensorial e a emoção formam uma unidade funcional,

⁵ Experimento XX, está descrito no livro; *La biopatía del Cáncer* (1973), onde Reich, através de vários tipos de cultivos, buscava a desintegração da matéria, para encontrar a menor partícula possível. Descobriu os Bions, partículas carregadas de energia que pulsavam e, que em um movimento que mais tarde ele chamou de superposição, voltavam a gerar a vida. Sua assistente ao preparar um dos cultivos

que têm como PFC (princípio de funcionamento comum), o que Reich chamou de "sensações de órgão".

A natureza dentro e fora de nós é acessível a nosso intelecto através das nossas "impressões sensoriais". A "sensação de órgão" é um "contato orgonótico", ou seja, da energia orgone dentro do indivíduo com a mesma energia orgone fora dele, isto explica a frase de Reich: "A sensação de órgão é o instrumento mais importante da pesquisa científica natural." (Reich, W 1949, p.45)

O contato orgonótico permite ao indivíduo conhecer, perceber e sentir ele próprio e o mundo à sua volta. Ele age, pensa, sente, promove julgamentos e forma sua visão de mundo baseado na qualidade deste contato. O indivíduo acredita naquilo que ele acessa como verdade, isto é, naquilo que ele pode acreditar.

Aquilo que sua estrutura corporal e de caráter consegue captar de si mesmo e do mundo à sua volta, constitui-se a matriz de suas crenças. Anterior a qualquer pensamento, emoção ou ação está a tatuagem de percepção imposta pela sua estrutura de funcionamento.

A estruturação do indivíduo funciona aprisionando seu contato orgonótico. Fazendo uma comparação figurativa, o ser torna-se uma máquina de caldo de cana. Pode-se colocar morango, limão ou laranja, não importa, o produto final será caldo de cana. É um jeito viciado de funcionar; aprendido como forma de sobreviver, foi a sabedoria do funcionamento da vida em nós, que para persistir vivo, teve de alterar-se e adaptar-se às frustrações impostas pelo meio, que deveria, "historicamente", ter sido de acolhimento e não foi.

Quando eu digo historicamente é porque crianças e bebês precisam de "colo", são um organismo energeticamente ainda em formação. O bebê humano não sobrevive só, como em outras espécies. Esta "incompletude" em seu aparato energético permite ao ser humano um arbítrio e uma possibilidade de evolução muito maior do que em qualquer outra espécie. Mas em compensação, deixa uma maior responsabilidade nos outros seres que recebem essa criatura.

se confundiu e ao invés de terra, pegou areia da praia. Este engano serviu para a observação de que a água do mar é orgonoticamente mais potente.

E assim..., o aprisionamento dentro da estrutura encouraçada vai sendo perpetuado através dos tempos. Pais, educadores e sociedade seguem impondo um funcionamento limitado e dissociado do restante da natureza.

A qualidade das sensações depende da motilidade energética do organismo como um todo. Quanto mais dissociado estiver o funcionamento "organísmico", menos clara e acertiva será a percepção do mundo e de si mesmo. Dado que esta percepção depende da integração pulsional dentro do indivíduo, quanto mais dissociado for o funcionamento do organismo, pela presença da couraça, mais distorcida será sua percepção da realidade.

O mecanismo da couraça que, como já vimos, é um desvio biopático da função da vida, é alimentado pela estase da energia sexual. Neste momento o organismo está com a sua pulsação biológica comprometida, com a sua manifestação emocional distorcida e, conseqüentemente, com a percepção de si mesmo e do mundo alterada.

Não podemos, então, falar de movimento emancipatório, sem antes falarmos do retorno à livre pulsação. Enquanto o movimento protoplasmático estiver aprisionado dentro da estrutura de caráter de um padrão de funcionamento encouraçado, o indivíduo não poderá alcançar a autonomia nem a liberdade.

O movimento energético preso dentro de uma estrutura encouraçada jamais representará a essência do indivíduo, será sempre distorcido e aleijada em suas possibilidades. Nesta pulsação alterada está enraizada toda a manifestação do ser no mundo. O indivíduo não pode ser dividido, assim como seu funcionamento emocional, fisiológico e intelectual.

Se levarmos em conta que estamos mergulhados em um oceano energético, que somos uma parte constituída deste oceano e que como em um holograma, possuímos dentro de nós todas as possibilidades do todo, poderemos mais facilmente compreender porque Reich transcendeu sua atenção, do indivíduo para o social e do social para o cosmos.

O retorno a livre motilidade energética devolve ao ser a percepção real de si mesmo e do mundo circundante. Esta emancipação não é individual, o indivíduo só é a unidade deflagradora de um processo, que é mais do que social, é cósmico.

Qualquer tipo de movimento está impregnado de emoções, pensamentos e da visão de mundo daquele que o executa. Até mesmo a permissão em se submeter a um movimento totalmente estereotipado, existe por uma condição patológica anterior de submissão a essa mesma imposição. A emoção está subscrita em um movimento corporal, ela existe mesmo que este fato não seja percebido, pela falta de contato do indivíduo com sua realidade interna e externa.

Somos uma unidade e funcionamos como tal. Estaremos dividindo o ser humano em compartimentos se pensarmos em "um corpo aqui e uma alma acolá", "corpo e mente" ou "corpo e emoção", o nome não importa, o princípio é o mesmo; a dualidade, a divisão, a dissociação energética daquilo que é uno. A emoção é "função pareada" do impulso para a ação e ambas têm como PFC (princípio de funcionamento comum) a "pulsação energética" corporal.

O movimento a que me refiro como sendo emancipatório está anterior a qualquer tipo de cultura, julgamento ou visão de mundo. Provavelmente, o que a fenomenologia chama de "redução", ou "ir às coisas mesmas", é o retorno à nossa pulsação, ao movimento primordial que existe em nossa essência., porque é nesse instante que conseguimos colocar entre parênteses a cultura e todos os julgamentos e nos percebemos uno com o todo. Uma coisa é o que somos potencialmente em essência e outra é nossa situação atual dissociada.

O ser humano é originalmente e potencialmente "ligado" com a "energia orgone cósmica". Mas a presença dos bloqueios dissociou seu "funcionamento", então a condição atual da maioria dos seres vivos é de dissociação. Esta divisão se dá no domínio individual, fragmentando o ser em físico, emocional e intelectual dando a cada um, a percepção de existir dissociado por áreas de manifestação; ora razão, ora emoção. No plano social, nos percebemos separados dos outros seres e do restante da natureza.

Consciência ecológica ou amor e ajuda ao próximo não são adquiridas pela doutrinação ideológica, são condições inerentes de seres humanos re-ligados. Quando um indivíduo se sente como pertencente ao todo, ninguém precisa lhe dizer nada sobre respeito ao outro, ele sente o outro como parte sua. Os animais e a natureza não serão agredidos, não porque ele acredita que assim deve ser, mas porque sente em suas próprias "vísceras" a dor e a agonia do outro, através de sua "sensação interna de órgão" restabelecida.

Reich observava que após a liberação das fixações infantis ocorria uma mudança qualitativa em seus pacientes. Eles se tornavam naturalmente amorosos e ligavam-se a uma moral natural e a valores universais. (Calegari, D. 2001, p. 126)

Pode-se acessar a verdade não por um esforço intelectual, mas pela redução de suas defesas à pulsação da vida dentro e fora dele, este é o que Reich denominou de "contato orgonótico".

Os rituais religiosos dos povos primitivos sempre acontecem mediados pelo movimento. Animistas, estes povos entendiam corporalmente o que era "sensação interna de órgão", e sua religião era praticada no sentido mais primordial desta palavra; RE-LIGARE. Religar com a energia cósmica exige movimentação energética, movimento corporal.

Longe de ser uma abordagem mística, é um fato científico, que Reich comprovou em quase 40 anos de pesquisa. O anseio de fusão cósmica é o desejo de retorno às origens, é o sentimento de pertencer à totalidade que está presente em cada partícula do todo. Base fisiológica do anseio místico é o anseio de união, de fusão da "energia orgone" dentro e fora dos limites corporais.

O movimento de religação do indivíduo consigo próprio, com o outro e com o cosmos, não precisa ser aprendido, não é um movimento imposto de fora para dentro, ele existe dentro de cada ser humano. Negro, índio, branco, comunista, facista, não existe diferenciação cultural, religiosa ou ideológica, o que existe é a não permissão organísmica para que isto ocorra.

Somos iguais em essência. Basta dar ao indivíduo a base de sustentação energética, que este movimento aprisionado dentro de sua estrutura corporal e de caráter, pouco a pouco vai sendo liberado. O que antes era uma identidade, vai se dissolvendo e se misturando.

Esta pulsação entre identidade e totalidade traz consigo no momento de retorno à condição de identidade a saúde de um renascimento. Retornar ao "útero cósmico", que é esse mar de energia no qual toda a humanidade está imersa, sentir seu limite corporal diluir-se com o todo e depois reconstituir-se trazendo de volta a sensação de ser enquanto identidade, não deixa ninguém imune.

A vivência deste instante é algo inconfundível, é uma possibilidade que uma vez experienciada, jamais é esquecida. Este movimento de pulsação entre identidade e totalidade refaz o ser, não existe estado de enfermidade que resista a esse renascimento energético.

Reich diz que trabalhos ativos, dirigidos egoicamente pelo paciente na direção da função bioenergética paralisada, isto é, quando movemos o corpo voluntariamente na direção de uma função natural, após determinado tempo, ativamos esta função paralisada. Esta permissão não é intelectual, pertence à "memória corporal-emocional" mais primitiva. O corpo sabe como desfazer esses bloqueios, que outrora ele mesmo fez.

2.7 Princípio de auto-regulação

"O conceito de auto-regulação teve suas raízes no campo da Biologia e foi utilizado a partir do século passado, por vários autores, em diferentes objetos de estudo", como nos informa Paulo Albertini (1994) no seu livro **Reich, História das Idéias e Formulações para a Educação**.(p. 69)

O funcionamento da vida em cada ser humano acontece de forma integrada e tudo se relaciona num sentido unificado e coerente. As pessoas nascem sabendo como regular suas funções vitais e o fazem de forma satisfatória, se não forem bloqueadas.

Uma pessoa neurótica vive a representação de papéis e personagens que correspondem às expectativas alheias. Daí a sensação de incompetência e impotência geral, sobretudo amorosa e sexual, decorrente da falta de energia desperdiçada pela heterorregulação. (Freire, R. & da Mata, J., 1993, p.19).

O insucesso da terapia psicanalítica em alguns pacientes era atribuído, pelo conceito freudiano, ao "instinto de morte" que agiria por detrás do instinto de vida como um instinto "mudo". Thanatos, como era chamado este instinto pela psicanálise, seria mais forte do que o instinto para a vida, consistia, portanto, numa negação do paciente à cura.

"Atribuíam a intenção neurótica autodestruidora do organismo psíquico enfermo a um instinto biológico primário da substância viva. A psicanálise jamais se recuperou disso." (Reich, W. 1995, p.271).

Reich inconformado com esta idéia continua suas pesquisas e descobre que esta negação é também uma neurose de caráter, fruto da "estase energética" do indivíduo e não um instinto biológico primário. O autor descobre então, que o "funcionamento masoquista" governado pelo desejo de punição é mais um tipo de encouraçamento. O "caráter masoquista", incapacitado de ter uma descarga energética plena através do orgasmo, faz uma descarga parcial pelo auto flagelo e pela auto piedade.

A neurose era, portanto, fruto do medo da punição por causa da atividade sexual e não um desejo de ser punido por causa dela.

Reich consegue chegar a uma formulação correta quanto à reação terapêutica negativa. A energia em estase, impossibilitada de ser descarregada, transforma-se em intenção autodestrutiva.

Assim, a necessidade de punição que atribuímos a nossos pacientes não é a causa do conflito neurótico. Esta é sim fruto do ódio recalçado pela incapacidade de amar. E a reação terapêutica negativa pode ser atribuída à falta de uma técnica para lidar com a transferência negativa latente. (Reich, W., 1995, p. 274).

Ele alega, então, que o insucesso da cura se devia a uma deficiência da técnica e não do sujeito. Ele observa que, se houvesse a satisfação orgástica no ato sexual, os sintomas desapareciam.

O pensamento reichiano nessa fase propunha que o problema (a neurose, a infelicidade humana) não tem sua origem no próprio homem, nem sua relação com a cultura é inerentemente conflituosa. Reich defende, então, que o mal vem de fora - da herança patriarcal, da estrutura social capitalista... Sua concepção pulsional passa a negar a existência de uma pulsão destrutiva; o ser humano é considerado, em última instância, capaz de auto-regulação. (Albertini, P., 1994, p. 67).

As neuroses estão enraizadas tanto na estrutura social como na estrutura psíquica e, o mais importante enquanto descoberta científica, é o seu enraizamento no corpo. Reich postula que, na base das experiências psico-

emocionais, encontram-se os processos "energéticos-funcionais" (orgonóticos) fluindo no "plasma orgânico" (pulsão).

Aqui situa-se o nível mais profundo e simples do funcionamento humano, o cerne biológico primário, a partir do qual desenvolvem-se reações humanas que, em contato com o meio social, transformam-se em estrutura de caráter. Desse entrelaçamento surge toda uma gama de composições entre a flexibilidade/expressividade e rigidez/encorajamento do caráter; movimentos que tendem em direção à auto-regulação biológica ou à rigidez.

A auto-regulação toma uma direção de movimento que é indissociável de uma razoável expressividade do organismo; é biologicamente primária e, também, funcionalmente vinculada à sexualidade. Em quase toda a obra de Reich encontramos termos que relacionam à função de auto-regulação biológica: "vegetativo", "vital", "espontâneo", "orgástico", etc.

Segundo Reich, W. (1998), a moralidade funciona com obrigação, é incompatível com a satisfação natural dos instintos. A auto-regulagem segue as leis naturais do prazer; não apenas é compatível com os instintos naturais; é funcionalmente idêntica a eles. Em contrapartida, a regulagem moralista cria uma aguda e irreconciliável contradição psíquica; a moralidade contra a natureza. Intensifica, assim o instinto e este, por sua vez, necessita de uma defesa moral aumentada. (p.159)

É o que Reich chama de "irreconciliável contradição", porque este ciclo se retroalimenta, quanto mais moralidade compulsiva, mais energia fixada em um objetivo irrealizado, maior será a compulsão em realizá-lo. Aumentará assim, a necessidade da defesa moral. Para Reich (1998) "os mecanismos de auto-regulagem natural permanecem profundamente enterrados no organismo, cobertos e impregnados de mecanismos compulsivos." (p.163)

A auto-regulagem, ao contrário disto, permite que o indivíduo elimine a fixação energética em um desejo irrealizável, transferindo para um objetivo diferente.

No entendimento reichiano, o processo de auto-regulação que é, em essência, educacional, não consiste em uma eterna realização das necessidades pulsionais. Muito pelo contrário, Reich entende o processo educacional como sendo o equilíbrio entre prazer e frustração. Alternando

constantemente a tensão e a relaxação, a realização e a frustração, preserva-se a pulsação biológica primária, ou seja, a saúde energética do ser.

A auto-regulação é o pré-requisito mais importante para a livre pulsação biológica, este princípio é, em última instância, o que assegura a circulação energética, ou seja, constitui-se na "meta da orgonomia": restituir ao indivíduo uma espécie de "competência espontânea", "visceral", da própria vida, sua capacidade de auto-regulação sexual, denominada de "potência orgástica" ou "amor natural".

No Funcionalismo, não há um centro "superior" nem um órgão executivo "inferior". As células nervosas não produzem os impulsos; elas meramente os comunicam. O organismo como um todo forma uma cooperativa natural de órgãos equivalentes com funções diferentes. Se a democracia do trabalho é fundamentada biologicamente, nós a encontramos modelada sobre a harmoniosa cooperação entre os órgãos. A multiplicidade e a variedade se fundem na unidade. A própria função regula a cooperação. Todo órgão vive por si, funciona em seu próprio domínio, na base de suas próprias funções e estímulos. (Reich, W. 1949, p.81)

Reich transcende o vínculo originário, energético, estrutural, funcional entre auto-regulação e sexualidade, surge, então em sua obra, o campo político, ideológico, epistemológico, no qual passa a funcionar, como algo subversivo e revolucionário; desmantelando crenças, atitudes, concepções e "visões de mundo".

Reich sempre traz para sua obra recortes de poemas e pensamentos que, à luz do conhecimento científico, aparecem como verdades intuídas através dos tempos. Gostaria, então, de lembrar aqui um dito popular, muito comum ao povo sertanejo: "em cavalo inteiro, não se coloca cabresto." Ou seja, um organismo sexualmente sadio, auto-regulado no conceito reichiano, não aceita dominação.

A dominação, para ser aceita pelo indivíduo, precisa da ancoragem interna no "funcionamento organísmico", é, aí, que estão enraizadas todas as formas de governo autoritário.

“GENTE FOI FEITO PRA BRILHAR E NÃO PARA MORRER DE FOME”

Caetano Veloso

Dadoun, R. (1991) compreende "o balanço lucidamente preparado" por Reich, em seu livro **A Função do Orgasmo** (p. 42), de que:

Nenhum elemento de minha teoria atraiu sobre meu trabalho e minha existência maiores perigos que a afirmativa de que a auto-regulação é possível, existe atualmente e é suscetível de uma extensão universal. (Reich, W., 1998, p. 162)

"O princípio reichiano da auto-regulação é o limiar de uma nova era social." (Dadoun R., 1991, p. 42), porque compreende a verdadeira revolução, uma posição revolucionária que começa nas entranhas do ser, uma transformação feita de dentro para fora.

Reich descreve como passou a se interessar pela sociologia política:

Eu tinha apenas dado alguns passos para me orientar no estudo da literatura etnológica e sociológica (Cunow, Mehring, Kautsky, Engels, etc.) quando os acontecimentos ensinaram-me de maneira inesperada, a sociologia prática, quando eu não estava preparado teoricamente para ela.(...) No verão de 1927 estudei O Capital de Marx. Após estudar cuidadosamente as cem primeiras páginas, que tratavam da mais-valia, compreendi que Karl Marx representava para a ciência econômica o que Freud representava para a psiquiatria. (Reich, W., 1930, p. 99)

O trabalho, com atividade criadora do homem, afirma Reich, (apud Dadoun, R., 1991, p.41), foi cortado de suas raízes viventes, libidinais. Encontra-se como suporte ou prisioneiro dos sistemas sócio-econômicos que lhe impuseram a sua regra: produzir não mais para a satisfação de suas necessidades biológicas somente – o que Marx chamou de "produção da vida material em si" – mas para manter ou transformar o status e as relações sociais, para sustentar e acrescentar poderes políticos, acumular coisas, objetos, bens, riquezas etc. O trabalho tornou-se contribuição do pecador, gesto do escravo, destino do submetido, representando a alienação e reforçando ainda mais os dogmas de "culto ao sofrimento".

Dissociado da auto-regulação sexual, o trabalho funciona como instrumento anti-sexual privilegiado, mais poderoso e mais eficaz que qualquer proibição; repetitividade obsessiva e mortífera, predomínio da motricidade mecânica ou da inteligência abstrata, desvio do desejo para a produção

fragmentada e a apropriação singular de objetos inertes, freqüentemente opacos e incompreensíveis, rigidez e reificação das relações humanas.

O trabalho alienado está a serviço da eliminação da auto-regulação sexual, contribuindo assim para consolidar e perpetuar a alienação e, em contrapartida, ele só é possível a partir da repressão sexual, ou seja, só é possível pela ancoragem interna.

A divisão do "funcionamento" global, em emocional, intelectual e físico dissocia o indivíduo e desconecta suas ações de suas emoções, em outras palavras "educa-os" para a aceitação.

A complementaridade entre alienação e trabalho e a exploração econômica do homem de um lado, e a repressão e a falta de auto-regulação sexuais de outro, volta a destacar com força o vínculo que articula a libertação econômica e a libertação sexual numa mesma "unidade funcional".

Reich coloca, então, no centro de seu projeto político de democracia do trabalho o princípio de AUTOGESTÃO, que é o princípio de auto-regulação no plano econômico-social.

Assim como o fluxo libidinal, que, quando circula livre e voluptuosamente, irriga o corpo inteiro, igualmente a auto-regulação, em seu exercício vital, natural regula necessariamente a totalidade das atividades humanas e muito particularmente o trabalho e o conhecimento. Reich, W, (apud Dadoun, R.1991, p. 39).

Reich estende isso ao domínio do conhecimento, porque também o saber, a sua maneira, aparece como uma atividade alienada; é diferente do que poderia ser, posto que rompeu os vínculos "naturais" com a energia libidinal, o que Reich chama de "funcionamento dissociado". O conhecimento se desenvolve e organiza cada vez mais à margem, fora dos processos vitais e de seu princípio comum a auto-regulação.

Criando o que Reich chama de tendência humana ao erro que, longe de ser uma incapacidade humana em acessar as verdades sobre si mesmo e sobre o funcionamento da natureza, é fruto do encorajamento, que desvincula o ser de sua orientação natural, para e sobre a vida

Reich esboça, em sua crítica da ciência estabelecida, a possibilidade de uma outra ciência, de uma nova forma de articular-se, sobre o princípio de auto-regulação, que desvencilhada das correias

históricas e ideológicas que limitam e sujeitam produziria um saber mais próximo do vivente, é o que ele chama de alegre saber, à qual atribui como objetivo, em ligação com o TRABALHO e a FUNÇÃO NATURAL DO AMOR, a felicidade terrena material e sexual das massas. (Dadoun, R., 1991, p.41)

"Será excessivamente ousado declarar que a vida sabe criar melhor do que ninguém as suas necessárias formas de existência?" (Reich, W, apud Albertini, 1994, p.69).

Reich amplia seu conceito de auto-regulação para a educação, por entender que somente através de uma educação voltada para a vida poderíamos esperar que um dia a "miséria humana emocional" fosse banida do mundo.

"Reich era um eterno preocupado com as crianças e com a educação por ele considerada como um caminho - para não dizer, o caminho - a ser seguido rumo à profilaxia das neuroses, quiçá, a um futuro melhor" (Matthiesen, S. Q. , 2001, p. 134)

No entendimento reichiano, a tarefa da educação preventiva seria apenas deixar o biosistema da criança livre de qualquer estagnação de sua energia biológica. Existe uma relação entre frustração e satisfação pulsional, para ele a mais adequada maneira de se educar uma criança é aquela na qual ocorrem frustração e satisfação pulsionais parciais, caracterizada pela presença da ação educacional frustrante sem uma conseqüente inibição pulsional completa.

2.8 Reich colocado em prática

Ressaltamos mais uma vez, que a orgonomia funcional não decompõe experiências, não trabalha com associação de idéias, mas diretamente com energias de instinto que se desprendem dos bloqueios caracterológicos e musculares e voltam a circular livremente. A orgonomia funcional não está interessada nas experiências que produziram as couraças, a meta da terapia orgonômica é a mobilização da energia no organismo.

"As idéias patológicas com toda sua confusão e complexidade infinita caem como um castelo de cartas quando a energia biológica funciona mais uma vez naturalmente, ou seja, economicamente." (Reich, W, 1950, p.9).

Para Reich, a energia biológica "funciona economicamente" quando o organismo está auto-regulado, fora do "funcionamento" de bloqueio, ou seja, de posse de toda sua energia vital e com a possibilidade de descarga orgástica plena. A orgonoterapia deve criar condições para que o organismo desista do bloqueio e alcance a capacidade de entrega a convulsão orgástica.

Em termos de biofísica orgônica, é nossa tarefa criar condições para que o organismo desista de seu mecanismo de retenção e alcance a capacidade de entrega. Em outras palavras, enquanto as extremidades embrionárias do tronco se dobrarem para trás, em vez de para frente, na direção uma da outra, o organismo será incapaz de se entregar a qualquer experiência, seja no trabalho ou de prazer. (Reich, W. , 1995, p. 340)

O indivíduo pode "abrir mão" (desistir) do bloqueio quando já suporta o livre fluxo da "energia orgone" presente no seu organismo; a couraça ainda funcionará, porém a serviço do EGO e não mais de forma inconsciente e crônica.

"A tarefa central da orgonoterapia é destruir a couraça, em outras palavras, ela deve restaurar a motilidade do plasma corporal." (Reich, W., 1995, p.338). Posteriormente Reich retifica a expressão "destruir a couraça" por "flexibilizá-la", primeiro em respeito a auto-regulação organísmica e depois por entender que o problema não está na existência da couraça e sim em sua cronificação.

Numerosas experiências ensinaram-nos que o reflexo total do orgasmo se desenvolve naturalmente quando conseguimos destruir a couraça muscular. Nosso trabalho tem demonstrado, repetidas vezes, que a função essencial da couraça muscular é impedir o reflexo do orgasmo. (Reich, W, 1995, p.340)

Os glóbulos vermelhos do nosso sangue podem ser carregados de "orgone atmosférico" (energia orgone da atmosfera) e assim alcançar alto "vigor biológico", que é a capacidade "funcional" determinada pela carga "orgonótica".

E como se dá o processo de absorção do orgonome atmosférico (cósmico)?

“EIS AÍ O QUE MAIS NOS INTERESSA!”

É pela RESPIRAÇÃO e pelo MOVIMENTO; prlos trabalhos corporais em que somos convidados a respirar e flexibilizar nossa couraça desfazendo os bloqueios, para que essa energia possa fluir livremente em nosso organismo, levando e trazendo o orgone que será absorvido e assim a vida acontecerá naturalmente.

Os glóbulos vermelhos do sangue carregados orgonoticamente, pulsam (expandem e contraem) conduzindo o orgone atmosférico dos pulmões até os tecidos, quando a célula, o órgão ou o organismo está carregado, ele se expande e “brilha” com todo vigor, “esbanja saúde” e nenhum organismo patogênico pode sobreviver próximo a ele.

Nas lutas contra as “dores” (físicas e emocionais) o organismo consome seu próprio orgone, portanto, é preciso recarregá-lo, respirando e movimentando (trabalho corporal). Com essas descobertas, Reich concluiu que a vida se dá naturalmente, que o vivo, vive, isto é, segue passo a passo o seu impulso para a vida.

"A VIDA SENTE A SI PRÓPRIA"

(Ponto de Mutação, Capra, 1982)

Nesses fatos estão, também, os movimentos totalmente livres e involuntários das convulsões orgásticas no ato sexual, que “arranjam” nossa energia nos recarregando, harmonizando, nos tornando saudáveis e vivos, mas que através dos tempos foi contido, reprimido pelos conceitos e filosofias “assassinas” da vida.

Reich chama “assassina” toda e qualquer filosofia que opta pela repressão em detrimento do "funcionamento natural" e vital, pois estas desorientam o ser humano, que perde a confiança em si mesmo e joga insensatamente com a vida humana.

O terapeuta reichiano não está preocupado com filosofias, mas sim com ferramentas práticas e decisivas para a transformação da VIDA e reorganização da SOCIEDADE.

O afrouxamento de qualquer couraça conduz sempre a um aumento do fluxo energético e daí a uma ampliação da consciência. Se essa ampliação não for integrada à identidade, atualizará o medo da desorganização. Na terapia ocorrerá aumento da resistência, se esta for quebrada e não houver integração da energia disponibilizada com a identidade, poderá então, ser ativada uma forma de couraça ainda mais paralisante.

Cabe ao terapeuta a responsabilidade de ajudar o paciente não só na liberação de suas contenções, como também e, sobretudo, na integração de suas vivências à identidade.

Para Reich, o bloqueio respiratório é fundamental em toda neurose e seu trabalho corporal esteve sempre centrado na respiração. Movimento e respiração são a chave para a flexibilização dos bloqueios, o organismo precisa de carga energética conseguida pela respiração e através da movimentação corporal "abrir espaços" e reorganizar este aumento de carga dentro do organismo. É fundamental, então, permitir a manifestação do movimento que existe no "cerne", ou seja, no centro do corpo e que está contido pelos anéis de couraça.

"Liberar as emoções e sentimentos é sempre um passo anterior à busca da liberação do prazer! Sem o contato com o amor não há contato genuíno com a vida!" (Reich, W, 1995, p.347)

Os bloqueios são identificáveis corporalmente nos sete anéis corporais e em suas expressões perceptivas, mentais e emocionais em nossa consciência. A leitura dos bloqueios pode ser feita, portanto, tanto na forma corporal quanto na expressão da consciência, quanto mais ativo estiver um bloqueio ou quanto mais o mobilizarmos, maior será sua expressão na consciência. O inverso também é verdadeiro: o foco ativo da consciência em determinados conteúdos mentais, emocionais ou perceptivos ativa o bloqueio corporal. A energia está onde estiver o foco da consciência!

A terapia parte do conceito da energia "orgone cósmica" primária, que dentro do ser é responsável pela função da vida. Ela apresenta a sua pulsação básica por meio da onda e do pulso, movendo a energia e a vida em seu metabolismo.

O pulso expressa-se em contrações e expansões possíveis de ser identificadas por ações promovidas pelos sistemas simpático e parassimpático.

A onda expressa-se por meio dos orgones material e bioenergético com suas funções específicas. Na consciência o orgone material é vivenciado como ego, nossa instância de relação com o mundo material objetivo. Seus bloqueios são mantidos pela musculatura estriada, comandada pelos sistemas piramidal e extrapiramidal. O orgone bioenergético é bloqueado pela musculatura lisa, que é comandada pelo sistema nervoso autônomo; na consciência o orgone bioenergético é vivenciado como o EU, nossa identidade energética primária.

O trabalho corporal tem como premissa o orgone com suas ondas materiais e bioenergéticas e os sete anéis com seus respectivos bloqueios.

"Do tipo de sensações dependem os tipos de julgamentos desenvolvidos, as reações baseadas nesses julgamentos e o quadro geral comumente conhecido como VISÃO DE MUNDO." (Reich, W, 1949, cap.III, p. 41)

O bloqueio segmentar mostra alterações de cor, temperatura, sudorese, mobilidade e vitalidade na forma do corpo, o bloqueio crônico distorce a forma corporal estruturando atitudes corporais fixas que fragmentam o orgone e geram sentimentos básicos constantes na consciência, como por exemplo: a descrença, a desconfiança, o medo, a superioridade, a inferioridade, o egoísmo, a inveja, a arrogância, a prepotência, etc.

Cada bloqueio tem, portanto, expressões específicas na consciência, na forma de crenças, emoções secundárias, sentimentos básicos e maneiras de se perceber e de perceber o exterior que determina a visão de mundo da pessoa. Partindo desses conteúdos, podemos inferir qual(is) bloqueio(s) está(ão) mais ativo(s). É importante começarmos com uma avaliação da atitude corporal em que possamos obter uma compreensão do sentimento básico retido.

Como a meta da terapia orgonômica é a mobilização da energia biológica, da energia orgone no organismo, o indivíduo com o objetivo de preservar a vida precisou reter a intensidade da corrente "fabricando" o bloqueio e este só o fez por não suportar a carga energética. Deduz-se então que só conseguiremos a liberação à medida que o corpo conseguir "banciar" a intensidade das sensações e emoções retidas neste bloqueio.

O primeiro passo é devolver a capacidade de sustentar a si próprio fora do bloqueio, o segmento corporal responsável por nossa sustentação são nossas pernas, então, de acordo com Bichara, V. (2002), literalmente, o que vai

ser de início o trabalho corporal é a “construção das pernas”, o enraizamento do indivíduo, através do desbloqueio do fluxo de energia que nos enraíza com o planeta.

Nossas pernas têm que nos "bancar" (sustentar) em um novo funcionamento energético, essa mudança no padrão de funcionamento vai dissolver as couraças e vai nos tirar o “chão” do funcionamento de caráter.

O padrão de funcionamento do indivíduo encouraçado tem um fluxo energético viciado, que retêm parte da energia nos bloqueios, impedindo que nossa energia flua livremente e chegue aos nossos pés e destes ao chão. É a primeira base, necessária a qualquer transformação em nosso funcionamento.

Juntamente com este enraizamento, o contato com as paralisias, buscando a expressão das emoções e dos sentimentos congelados. Não adianta mover a consciência na direção do saudável, se não limparmos antes as emoções e os sentimentos retidos nem desfizemos as crenças que mantêm o bloqueio ativo. Entra aqui o trabalho com as emoções negativas reprimidas e com as crenças infantis.

"Trabalhos ativos e dirigidos egoicamente pelo paciente na direção da função bioenergética paralisada, quando movemos o corpo voluntariamente na direção de uma função natural, após determinado tempo, ativamos a função natural paralisada" (Reich, W., 1949, p. 37). Isto acontece também porque na verdade quem construiu o bloqueio, em última instância, foi o "corpo", e se ele soube fazer, ele sabe como desfazer. Outra vantagem de tal procedimento é que despertar uma função natural a partir do ego, o que diminui o temor do descontrole e da angústia orgástica.

Nossa energia está onde está nossa atenção. Quando realizamos ativamente o contato com determinada função, integramos os elementos pertencentes à consciência, ou seja, a mobilidade voluntária, as sensações, as emoções, os sentimentos, as percepções, os pensamentos e as crenças envolvidos. Ao trabalharmos certo anel, buscamos primeiro mobilizá-lo e depois encontrar a linguagem que retrate as funções específicas dele.

O objetivo final é a abertura do biosistema e a integração autoperceptiva numa consciência clara. Ao refazermos a pulsação dos anéis paralisados, estaremos desfazendo a base bioenergética sobre a qual se assentam as crenças errôneas a respeito de si próprio e da realidade exterior.

O retorno à pulsação livre, movimento de vida e de libertação, é o anseio de todo ser humano com saúde energética. É o contato direto consigo e com a vida, evitado e temido pelo encarceramento do bloqueio, cantado em versos e prosa, em todos os tempos (antes, pela intuição de sua existência):.

A VIDA

De onde vem o vento, Nikodemus?

Rabbi, eu não sei, também não sei para onde ele vai.

COLOCA-TE A TI MESMO NO CAMINHO DO VENTO, Nikodemus.

Tu irás conhecer uma sensação de estar sendo carregado para algum lugar, por algo, que é bem maior que tu mesmo.

Tu estás muito orgulhoso na posição em que te encontras, na tua segurança, mas tu irás te matar neste ar sem movimento.

COLOCA-TE A TI MESMO NO CAMINHO DO VENTO, Nikodemus.

Folhas cintilantes irão dançar ao teu redor. Tu serás carregado para lugares que nem em sonhos imaginavas um dia estar. Tu te sentirás útil em lugares que antes temias estar e tudo isto, tu sentirás como uma volta para casa.

Tu terás uma força que nunca antes tiveste, Nikodemus. Tu te transformarás em um Novo Homem.

COLOCA-TE A TI MESMO NO CAMINHO DO VENTO.

De Myra Scovel em: MOOS, Richard - Das Zweite Wunder. Ansanta, München, 1997. (livre tradução de Elenor Kunz)

2.9 A interlocução de Saberes Reich e a Educação Física: a Aproximação

Reich não foi um pesquisador com atuação restrita aos limites de uma área do conhecimento, não porque quisesse ampliar sua pesquisa, mas porque assim foi acontecendo. Na sua busca pela cura das neuroses e por acreditar na possibilidade de maior felicidade para as pessoas, lutou incessantemente em

todas as áreas que de alguma forma pudessem contribuir para a realização desse objetivo e um dessas áreas foi a Educação.

Reich acreditava que o processo terapêutico era também um processo pedagógico. Mais tarde, ele se dedicou especialmente às crianças. No entendimento reichiano uma Educação que preservasse a auto-regulação das crianças seria o caminho de prevenção das neuroses.

Existe dentro da Educação Física pesquisa pioneira da professora e pesquisadora Sara Quenzer Matthiesen, que buscou fazer uma aproximação entre o trabalho reichiano e a Educação Física, por meio de sua dissertação de mestrado (1996): **A educação do corpo e as práticas corporais alternativas: Reich, Bertherat e Antiginástica**. Matthiesen se interessa em fazer uma averiguação entre as práticas corporais alternativas, verificando quais eram seus objetivos e suas intenções em termos de uma educação do corpo.

Dada a “fluidez de fronteiras” entre os trabalhos de abordagem corporal existentes, próprios de um “complexo alternativo” mais amplo, Matthiesen verificou que não poderia tomá-los conjuntamente, congraçando-os dentro do que estaria denominando como práticas corporais alternativas, havia especificidades em cada uma delas que impossibilitava generalizá-las.

Ela opta, então, por analisar a Antiginástica de Thérèse Bertherat como exemplo, segundo ela, mais expressivo naquele momento, sobretudo por três motivos: por ser crítica em relação à ginástica médica; por ser crítica em relação ao conteúdo classicamente desenvolvido pela Educação Física, como a ginástica e o esporte e pela apropriação da teoria de Wilhelm Reich para explicar a relação existente entre o psíquico e o somático.

Matthiesen dividiu a pesquisa em duas partes: a primeira, resgata as origens, objetivos e contatos de Bertherat com diferentes trabalhos rumo à construção de uma “terapia global” capaz de tratar o indivíduo de “modo completo” e, na segunda parte, a pesquisa procurou reconstruir o trajeto percorrido por Thérèse Bertherat a partir da cinessiterapia clássica até que adentrasse à Psicologia, mais propriamente, a teoria de Reich em busca de subsídios capazes de sustentar o pressuposto básico da Antiginástica de que a “estrutura” somática determina o “comportamento” psíquico do indivíduo.

O resultado desta investigação, diz Matthiesen, revelou que Bertherat expressa uma versão discutível da teoria reichiana, já que tende à intervenção

direta sobre o corpo, sobre as tensões musculares, como sinônimo de solução para os problemas psíquicos. Concluiu-se, então, que embora a Antiginástica tenha surgido como uma contestação às formas de se educar o corpo classicamente trabalhadas na Educação Física, mantém relações muito estreitas com as mesmas bases e principalmente com a idéia de que uma interferência no somático conseguiria solucionar problemas psíquicos apoiando-se na teoria reichiana, que rompeu com essa dualidade, pautando-se na identidade funcional.

Matthiesen continua sua investigação no sentido de fazer esta aproximação, agora não mais através das práticas corporais alternativas, mas pela Educação. Publica outros artigos, como por exemplo na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, do CBCE, em janeiro de 2001; "*Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich*", no qual ela resgata, em Reich, algumas possibilidades existentes à educação infantil que, entre diferentes graus de frustração e satisfação "pulsionais", contribuiriam para a formação do caráter, processo este correspondente ao eixo principal da atividade educativa veiculada por pais, professores e educadores, fornecendo subsídios para uma reflexão acerca da educação do corpo propriamente dita.

Continuando sua pesquisa neste sentido, Matthiesen defende sua tese de doutorado intitulada; "*A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*", em 2001, na qual traz o conhecimento reichiano para a Educação, porque, embora Reich, não fosse pedagogo, mas médico e psicanalista, trabalhou nos últimos anos de sua vida, como mencionado anteriormente, dedicado às crianças e à Educação, uma vez que acreditava, depois de tantos anos investigando a cura das neuroses, que a profilaxia através de uma educação orientada para a VIDA seria o caminho, segundo ele, de um mundo melhor.

O pensamento reichiano está fora do paradigma que sustenta a concepção de homem, sociedade e a visão de mundo que existe ainda hoje dentro do universo científico.

A Teoria Reichiana rompe a barreira entre o quantitativo e o qualitativo, quando solda a quantidade e a qualidade das emoções em um mesmo princípio de funcionamento comum (PFC), a pulsação energética corporal. Desta forma, Reich acredita que não se muda a forma de pensar do ser

humano através, somente, da linguagem, essa transformação é também uma reconfiguração corporal.

O pensamento funcional reichiano defende que somente através de uma educação orientada para a vida é possível transformar os indivíduos e, conseqüentemente, a sociedade. Reich entende a educação orientada para a vida, quando o processo educacional permite aos indivíduos a expressão dos seus potenciais e cria um ambiente propício para que estes se desenvolvam.

È a busca por referenciais teóricos que sustentem uma prática pedagógica voltada para a vida, que despertem os indivíduos de sua passividade e conformismo. Esta é uma busca que já se iniciou, como podemos observar nas diversas correntes críticas dentro da Educação Física.

Essa área tem em suas mãos uma arma poderosa para a emancipação dos indivíduos que é o MOVIMENTO. A possibilidade educacional teórico-prática pelo movimento dá a Educação Física uma posição privilegiada e é, neste ponto, que se pode vislumbrar os ganhos que ela teria em abrir as portas para novos entendimentos do ser humano.

O movimento humano precisa ser re-compreendido, não adianta repensá-lo dentro de uma mesma "estrutura de funcionamento encouraçada". É preciso que se experiencie o movimento que ainda não foi acessado e que está aprisionado dentro de cada indivíduo.

Até que isto aconteça, não se pode compreender o MOVIMENTO ou o SE MOVIMENTAR em toda a sua totalidade. O ser humano sofre, há anos ele está prisioneiro de si mesmo. Esta estrutura que o aprisiona não permite o seu contato pleno consigo próprio, com o outro e com o restante da natureza., ancora o medo de exercer sua identidade no mundo, dá a sensação de incapacidade para se autogovernar e é a base que sustenta todas as formas de autoridade, cria formas de vida perversas e faz o irracional parecer sensato.

Depois de nove anos de pesquisa, ousou dizer que é possível aplicar a Orgonomia Reichiana à Educação Física. Esta nova compreensão do movimento humano poderia ajudar na construção de uma prática pedagógica dentro da Educação Física, que resgate a autonomia e deflagre um processo de emancipação pessoal e social.

2.10 Teoria Reichiana e Educação Física Escolar: Síntese e Relações

“Para as questões do ensino do movimento humano, especialmente no âmbito escolar, um estudo mais abrangente e aprofundado do mesmo e, claramente, não isolado das demais questões que o envolvem - entendo como da mais alta relevância e atualidade”.
(Kunz, E., 1991, p. 167)

Dentro da Educação Física, o movimento humano tem sido objeto de estudos, contudo apenas como uma forma de se descobrir um aumento das "capacidades de rendimento físico". A tentativa de uma análise multidisciplinar como apontado por Kunz, E.(1991), com o auxílio da psicologia da aprendizagem, por exemplo, só traz uma diferença quantitativa na interpretação do movimento humano em relação à abordagem monodisciplinar, ou seja, busca uma maior prontidão do aluno para a aprendizagem em diferentes habilidades motoras.(p.162)

"Estas formas de investigações, porém, não abrangem toda a Realidade do Movimento Humano, a complexa teia de relações que envolvem esta realidade." (Kunz, E., 1991, p. 163). O autor problematiza, ainda, sobre a necessidade de se aprofundar a compreensão do movimento humano a partir de uma perspectiva do ser humano que se movimenta e da não possibilidade de se amputar, para efeito de análise, a ação do sujeito que se movimenta. Visto que este movimento está "encharcado" com a percepção, o sentimento e a intuição do ser humano que o realiza.

Na tentativa de compreender o ser humano, a ciência mecanicista fragmenta o indivíduo criando várias áreas de estudo e intervenção, ao final não consegue abranger a totalidade deste ser, que não é somente a soma de suas partes e o resultado é um ser humano dissociado de suas emoções.

O mecanicismo da ciência moderna, como mencionado por Kunz, em 1997, impede o conhecimento crítico e com isto o esclarecimento, na chamada "redução da complexidade" de fenômenos, fatos e coisas, ou seja, à medida que o homem "desencanta o mundo" ele consegue perceber que as teias de relações em que os fenômenos, fatos e coisas estão envolvidas é de extrema complexidade, então pela fragmentação do conhecimento e pelos modelos metodológicos de investigação ele consegue reduzir a complexidade destas e,

em consequência, temos um conhecimento mais "exato" sobre sua existência e funcionamento.

Uma "redução de complexidade" numa visão reichiana não estaria no desencantamento do mundo e fragmentação do conhecimento, sua proposta de construção do conhecimento não passa pela dissociação da realidade e sim pela busca da simplicidade na profundidade dos fenômenos.

Reich propõe através do "Pensamento Funcional" o que poderíamos chamar de "retorno à simplicidade", a busca do princípio de funcionamento comum (PFC). O conhecimento dito mais "exato" pela Ciência é um saber fragmentado e dissociado, o que, na visão de Reich, não permite que a humanidade compreenda a essência dos fenômenos da vida. O entendimento da totalidade dos acontecimentos não consegue ser abrangido. Esta parcialidade na visão dos fatos, fenômenos e coisas deve-se ao fato de que o funcionamento dos indivíduos está também fragmentado.

A partir desta dissociação do indivíduo; consigo mesmo, com o outro e com o mundo; o movimento humano é interpretado dentro da ciência, reforçando, ainda mais, a imagem dualista do Homem.

A Teoria do Se-Movimentar tenta resgatar o entendimento de ser humano dentro de um "Contexto de Totalidade", no qual não se faça nenhuma assepsia de sentidos e significados do movimento e este seja entendido como a tradução do "ser e estar" do sujeito no mundo. "Neste sentido, o se-movimentar humano significa um entendimento de inseparabilidade entre Homem-Mundo." (Kunz, E., 1998, p. 09).

Para que se consiga esta concepção de totalidade é necessário que o movimento seja compreendido como um modo especial de "estar-no-mundo" e que através dele pode ser feita a atualização da unidade "primordial de homem-mundo", apresentada na fenomenologia de Merleau-Ponty. (apud Kunz, E., 1998, p. 09)

Nesta concepção, o ser que Se-movimenta realiza sempre um contato e um confronto com o Mundo Material e Social, bem como consigo mesmo. Tamboer e Godjin (apud Kunz, E. 1991, p. 165) denominaram esta relação Homem-Mundo via Movimento como um "contato dialógico".

O reconhecimento da potencialidade dialógica do movimento humano, afirma Kunz, E.(2002) abre as portas para a Educação Física abordar temas

que são ainda bastantes desconhecidos na área, como a sensibilidade, a percepção e a intuição humana. (p.01)

"O compreender-o-mundo-pelo-agir" proposto pelo holandês Tamboer (apud Kunz, E. 1998, p.08) vem desta possibilidade dialógica do movimento, em que este é o principal responsável pela nossa visão de mundo, dos outros e de nós mesmos.

Esta compreensão do mundo pelo agir via movimento humano abre as portas para um entendimento de mundo e de vida, maior do que só um aprendizado intelectual, é o apoderar-se de uma possibilidade que, embora existente dentro de cada um, encontra-se adormecida e esquecida.

O indivíduo, mesmo sem se dar conta, mantém constantemente um contato dialógico com o mundo. O que a teoria do Se-Movimentar propõe é que este contato seja percebido e nos mostra, ainda, a possibilidade de trabalharmos dentro da Educação Física temas como a intuição, a percepção e sensibilidade.

Kunz fez da Teoria do Se-Movimentar um berço para o surgimento da Pedagogia Crítico-Emancipatória e Didática Comunicativa, que pretende, a partir desta nova concepção de ser humano e do seu se-movimentar, trazer para a prática pedagógica da Educação Física, não só, um novo entendimento do movimento humano, mas também utilizar o potencial dialógico do movimento para a emancipação dos sujeitos.

Kunz afirma, em 1998, que a "maioridade ou emancipação devem ser colocados como tarefa fundamental da educação" e alerta para o fato de que a Educação Física, como está, contribui para uma "existência sem liberdade" dos sujeitos, através da reprodução de condições para uma prática esportiva com "coerção auto-imposta" sujeitando os indivíduos a uma não-consciência de si mesmos e do mundo à sua volta.(p.32)

"O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para a sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica." (Kunz, E., 1998, p. 32)

Kunz, E. (1998) nos chama a atenção, ainda, para o fato de que os profissionais da Educação Física não percebem o poder dessa "falsa

consciência" e da "coerção auto-imposta" vinculadas ao ensino dos esportes (p. 34).

O fato dos profissionais não perceberem é justamente o que faz com que eles sejam agentes perpetuadores desta alienação, se tornando agentes reforçadores da falsa consciência e legitimando a coerção dominante.

Caniato, R. (1989) refere-se ao papel desempenhado pela escola "como sendo principalmente o de 'domar' o indivíduo para que ele aceite, sem 'pinotear', os 'arreios' que o atrelam ao Sistema". Questiona, ainda, "que se é óbvio que, durante os anos em que se formam os traços fundamentais da personalidade treinamos principalmente uma atitude de PASSIVIDADE, o principal traço deixado pela educação será o da PASSIVIDADE" (p. 40).

O ser humano encontra-se enfermo, amputado em sua capacidade de indignação. Cada indivíduo permanece como alienado de seu processo emancipatório. As pessoas não percebem que estão inseridas neste padrão de funcionamento, o que as torna, ao mesmo tempo, vítimas e algozes dentro desse processo.

A sociedade é vítima, porque recebe desse processo o "treino para a passividade" e o "adestramento" de suas capacidades de reação, ou ainda, o que Caniato, R. (1989) chama de "castração da iniciativa". Pais e educadores tornam-se algozes à medida que, uma vez "castrados em suas iniciativas" e sem se recordarem, visceralmente, de seus tempos de "não aceitação", mutilam a iniciativa dos educandos, perpetuando a "condição auto-imposta" (p. 39).

A sociedade retrata e reproduz a condição dos sujeitos que a compõe, cada indivíduo traz consigo uma "falsa consciência de liberdade" que faz com que ele não se perceba dominado. Neste sentido, assim como os indivíduos, a sociedade encontra-se enferma.

A falta de consciência dos indivíduos de que estão inseridos num processo de alienação de si mesmos, permite que se perpetue esta condição. As pessoas não se conhecem enquanto indivíduos, vivem a "manifestação possível" de sua identidade no mundo.

Se o ser humano é parte da totalidade, a percepção de si mesmo é a possibilidade de contato com a sua essência, que é a essência da vida. Quando não se permite uma manifestação plena da identidade no mundo,

perde-se o contato com uma parte de si mesmo, que é a mesma via de contato com o outro e com o mundo.

Edmund Husserl (1894-1938) inaugurou o "movimento fenomenológico" com as "Investigações Lógicas" (1900), discutindo a dicotomia entre opinião (doxa) e verdade (episteme). Observou que o ser humano possui conhecimentos que são anteriores à tomada de consciência filosófica de mundo.

A fenomenologia de Husserl constitui-se em outra fonte que Kunz se inspirou para a criação da Pedagogia Crítico-Emancipatória. Husserl faz uma crítica à ciência positivista, com uma afirmação que é categoria central da fenomenologia: "temos de voltar às coisas mesmas".

O caminho de volta à essência do ser humano, o retorno proposto pela fenomenologia, não pode ser compreendido como um retorno linear. A proposta de "redução" fenomenológica caminha no sentido de aprofundar a compreensão do ser humano. A essência é muito mais ampla do que o domínio da linguagem falada, por isso qualquer tentativa de se explicar por palavras o mundo fenomenológico, isto é, o mundo das essências, não abrangerá sua totalidade.

Na visão de Merleau-Ponty, M. (1994) a perspectiva de totalidade só é possível quando este "se-movimentar" for compreendido como um modo especial de "estar no mundo" e de uma atualização da unidade "primordial de homem-mundo" (p. 131).

A atualização da unidade homem-mundo pretendida pela fenomenologia de Merleau-Ponty, para Reich está no "re-ligar da energia orgone" dentro e fora do corpo é no resgate da pulsação biológica e consciência da pulsação e da ligação cósmica, que se enraíza o sentimento de inseparabilidade da unidade.

Habermas (apud Kunz, E. 1998) acredita no poder da auto-reflexão: "um conhecimento entendido com o fim em si mesmo chega a coincidir, por força do próprio conhecimento, com o interesse emancipatório; pois o ato-de-executar da reflexão sabe-se, simultaneamente, como movimento da emancipação" (p. 35).

Kunz, E. (1998) relembra do importante papel da Educação Física, "uma vez que o se-movimentar do aluno orientado a uma perspectiva pedagógica da solução de problemas que impedem a vivência corporal plena deste se-

movimentar, é sempre um compreender-o-mundo-pelo-agir, logo auto-esclarecimento.". (p.09)

Neste ponto, quero relembrar a perspectiva reichiana de ser humano. Para Reich, a configuração energética de cada ser humano retrata sua forma de agir, pensar e sentir o mundo, a si mesmo e ao outro. Somos corporalmente aquilo que pensamos e sentimos. Anterior à forma corporal, sentimentos e visão de mundo está o padrão de pulsação de cada indivíduo. Esta tatuagem de pulsação energética dita todos os outros "funcionamentos"; seja o corporal, o emocional ou o intelectual.

Reich nos traz a compreensão dos "problemas que impedem a vivência corporal plena do se-movimentar". Ora, como se dará a compreensão-do-mundo-pelo-agir, se não de uma forma fragmentada, visto que até mesmo o "agir" encontra-se dissociado do sentir e do pensar? Se a Ciência está fragmentada, ela somente retrata a condição humana atual.

Reich fala que as barreiras impostas pela ciência mecanicista existem graças à dissociação do funcionamento orgânico dos indivíduos que fazem a Ciência. Os "antolhos", que segundo Maturana, H. (1999) impedem a humanidade de ultrapassar as "verdades fundamentais", podem ser entendido dentro do pensamento reichiano como os bloqueios energéticos que aprisionam sua visão de mundo, sua autopercepção e com isso seu autoconhecimento. (p.14)

Esta relação não é de causalidade, é o que Reich chamou de princípio de funcionamento comum (PFC). Só conseguimos mudar a forma de pensamento, sentimento e, conseqüentemente, a visão de mundo de alguém se aprofundarmos essa transformação. A configuração energética do ser humano está sujeita a modificações.

Através do movimento podemos modificar o padrão de funcionamento de cada indivíduo. Tenho aqui, então, a ousadia de tentar estabelecer uma ligação entre o pensamento de Reich e a teoria Crítico-Emancipatória, quando Kunz (1998) afirma, que "o processo de aprendizagem pela auto-reflexão deve corresponder ao interesse emancipatório do conhecimento pela remoção da repressão e pela dissolução da falsa consciência".

A pergunta central de Husserl, como observa Kunz, E. (2000) é como podemos alcançar o conhecimento radicalmente livre de "pré-julgamentos" ou

"pré-conceitos"? Ele encontra a resposta, no retorno às essências, que também é categoria da fenomenologia (p. iii).

O "retorno às essências" pode parecer uma utopia, se for tido como uma escolha intelectual, dissociada do "se-movimentar". No entanto, se entendermos o movimento de emancipação, proposto na Teoria Crítico-Emancipatória, através da "compreensão-do-mundo-pelo-agir", a possibilidade de "retorno às essências" corresponde à remoção e dissolução da "falsa consciência", na qual se pode colocar "entre parênteses" a cultura e os pré-julgamentos.

Na concepção reichiana, retornar as essências é o restabelecimento da livre "pulsção" energética, que se encontra aprisionada dentro de cada ser humano. O retorno à consciência perdida, do vínculo com a energia orgone cósmica, pela presença da couraça.

Considero este o grande momento desta pesquisa, que propõe repensar a Educação Física Escolar a partir da visão reichiana de movimento humano. A "dissolução da falsa consciência", longe de ser uma utopia, é possível e exeqüível através do movimento, que restabelece em cada sujeito a auto-regulação, que Reich chamou de "competência visceral da vida", deflagrando o processo que Kunz chama de Maioridade ou Emancipação.

Sujeitos auto-regulados não precisam de "tutores" para suas próprias escolhas, precisam sim de "facilitadores" que os ajudem a descobrir seus próprios caminhos em direção as soluções mais significativas para cada um. Assim é possível pensar em uma Educação que alcance, o que Kunz, E.(1998) chama de sua "tarefa fundamental".

Pretendo com esta pesquisa projetar mais um foco de luz sobre o berço, no qual Kunz fez surgir a Pedagogia Crítico-Emancipatória, levando a Teoria de Reich para junto da Teoria do Se-Movimentar. Repensar o movimento e o ser humano que "se movimenta" a partir desta união.

A Educação Física tem um interesse central nos estudos e no desenvolvimento prático do movimento humano. No entanto, paradoxalmente, existem poucos estudos que aprofundam a questão do movimento numa perspectiva pedagógica e que, desta forma, se interessasse mais na criança, no ser humano que se movimenta, do que no movimento já pré-construído e que apenas precisa ser imitado. (Kunz, E., 2002, p. 01)

Nesta perspectiva de busca de novos referenciais, em que se encontra a Educação Física brasileira hoje, vislumbro que uma aproximação com a teoria reichiana poderá trazer uma contribuição significativa. Reich apresenta uma concepção de ser humano que amplia a compreensão sobre o seu "se-movimentar".

Kunz, E. (2002) ressalta a urgência em se desenvolver mais conhecimentos sobre as particularidades dos seres humanos em movimento. Em assuntos, segundo Kunz, que vão além, "dos já conhecidos no campo da complexidade biopsíquica e técnica da efetiva realização de movimentos" (p. 01).

Desta forma, a Educação Física teria seu entendimento do ser humano bastante ampliado e, conseqüentemente, seu principal instrumento de ação pedagógica muito melhor compreendido, se fosse dado aos professores a oportunidade de vivenciar e conhecer a concepção reichiana de movimento humano.

Esta compreensão do movimento humano responde algumas questões presentes dentro das teorias pedagógicas de concepção crítica. Uma delas apontadas por Kunz, E.(1991) como "o interessante fenômeno de que o próprio sujeito que realiza o movimento, não mais consegue entender o verdadeiro significado deste seu se-movimentar." (p. 164).

Esta falta de compreensão não existe somente no se-movimentar, está anterior, enraíza-se na falta de vínculo do sujeito com ele mesmo, com o outro e com o mundo. A presença da couraça energética desvincula o ser de sua essência e conseqüentemente da realidade, obrigando a "função vida", presente em cada um, a manifestar-se de uma forma não natural, segundo a linguagem reichiana, de forma "biopática".

O movimento de pulsação da energia, na concepção reichiana é o que enraíza o homem na natureza. O livre fluxo da "energia orgone" dentro do corpo resgata a "liberdade perdida" e devolve a consciência do anseio de "relição".

Precisamos compreender que este mundo de interação inicia-se no próprio sujeito. O conhecimento de si mesmo está anterior ao conhecimento do mundo, não em uma ordem cronológica, mas em profundidade de experiência.

As amarras que impedem o acesso do homem "para dentro de si" são as mesmas que seguram a expansão de sua consciência em "direção ao mundo".

O "aprisionamento" não obedece a uma ordem mecânica. O movimento da vida acontece como pulsação, alternância de contração e expansão. A alteração desta pulsação constitui-se num impedimento à compressão do mundo e de si mesmo.

Não proponho aqui um distanciamento da Teoria do Se-Movimentar, que já abre um grande leque de compreensão e possibilidade de ação para o professor. Mas acredito que a alquimia com o trabalho de Reich pode aprofundar o entendimento do que seria o "compreender o mundo pelo agir".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito ser um momento para lembrarmos "A República" de Platão, onde Sócrates expõe a Glauco a condição humana através da alegoria da caverna:

Imagina, pois, homens que vivem em uma espécie de moradia subterrânea em forma de caverna, tendo ao longo dessa caverna uma entrada que se abre amplamente para o lado da luz; no interior dessa morada, eles estão acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que permanecem no mesmo lugar, só vêem o que está diante deles, e por outro lado não podem, por causa da corrente que lhes segura a cabeça, voltá-la circularmente. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, mais alto e longe. Ora, entre esse fogo e os prisioneiros, imagina uma estrada que sobe, no meio da qual foi elevado um pequeno muro que a bloqueia, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõe diante dos homens que as manobram, acima do qual apresentam essas marionetes ao público. - Entendo, disse ele. - Então, ao longo desse pequeno muro, todo tipo de objetos fabricados, estátuas ou animais de pedra, de madeira, de toda sorte de materiais; entre esses carregadores, possivelmente, alguns falam, outros se calam. - Fazes uma estranha descrição, disse ele, e esses prisioneiros são estranhos! - Pois eles se assemelham a nós, respondi. (Chatelet, F.;1994, p. 35)

Se vivêssemos, durante anos, todos dentro de uma caverna, aprisionados em nossa própria estrutura de caráter, acorrentados em nossas couraças, de onde não pudéssemos, nem sequer, imaginar a existência de um mundo diferente do que conhecemos e se alguns habitantes desse lugar saíssem, e retornássem convidando todos para conhecerem esse novo mundo, estes iriam ser chamados de loucos e talvez fossem decretado inimigo da moral e da ordem.

Isso talvez ocorresse, não porque estivessem anunciando a existência de um mundo novo e possível a todos, mas porque estariam entrando em choque com as estruturas políticas, econômicas e religiosas que governam a caverna e

que sustentam o funcionamento, ainda que neurótico, contudo seguro, das instituições e dos habitantes deste lugar.

Reich, W.(1999) fala em seu livro "O Assassinato de Cristo" sobre a armadilha em que vivemos aprisionados. "Escapar da armadilha é possível. Mas, para alguém sair de uma prisão, primeiro precisa reconhecer que está numa prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter." (p.4). Diz ainda, que a primeira coisa a fazer é procurar a saída da prisão.

"Mas onde está a saída?" - pergunta Reich, W. (1999). A saída, segundo o próprio Reich,

é claramente visível para todos que estão presos na armadilha. Mas ninguém parece vê-la. Todos sabem onde está a saída. Mas ninguém se move em direção a ela, pior ainda, quem quer que faça qualquer movimento em direção à saída, quem quer que a indique, é declarado louco, criminoso, pecador, digno de queimar no inferno. (p.5)

No final, declara ele, o problema não está na armadilha e nem em descobrir a saída. "O problema está nos prisioneiros." (p.5).

A função da vida viva está em volta de nós, está em nós, em nossos sentidos, diante de nossos narizes, nitidamente visíveis em cada animal, em cada árvore, em cada flor. Nós a sentimos em nosso corpo e em nosso sangue. Mas para os prisioneiros ela continua o maior, o mais impenetrável dos enigmas. (Reich, W., 1999, p.6)

Os fatos que nos levam a estas conclusões estão aí, diante e dentro de nós, mas miseravelmente ignorados, negados ou distorcidos e muitas vezes intuídos pela arte, assim como podemos ler nas frases do poeta alemão:

**“QUAL É A MAIS DIFÍCIL DE TODAS AS COISAS?
AQUELA QUE TE PARECE A MAIS FÁCIL:
VER COM TEUS OLHOS
O QUE ESTÁ DIANTE DOS TEUS OLHOS.”
GOETHE (apud REICH, W. 1991).**

"Se você viver durante muito tempo no fundo de uma cava escura, você detestará a luz do sol. É mesmo possível que seus olhos acabem por perder a capacidade de tolerar a luz. Eis porque acaba-se por odiar a luz do sol." (Reich, W. ,1999, p.7).

“As pessoas devem zombar do sublime; porque se elas vissem como ele realmente é, não poderiam suportar sua visão”.

Goethe

A "coerção auto-imposta" e a "falsa consciência", apontada por Kunz, persiste como um processo silencioso, automático e inconsciente, assim como, o fenômeno da couraça que aprisiona o ser humano nesta "armadilha". Dita a ação, não só na prática pedagógica dos esportes, mas em toda relação educador/educando, inclusive pais e filhos.

Habermas (apud Kunz 1998) "prevê que a emancipação só será possível quando os agentes sociais, pelo esclarecimento, reconhecerem a origem e os determinantes da dominação e da alienação".(p.35)

"As sociedades autoritárias, guiadas pelo poder econômico ou do Estado, necessitam padronizar o comportamento humano para mais facilmente ter controle e domínio." (Freire, R. & da Mata, J., 1993, p.13)

O mecanismo da couraça cumpre no ser humano o papel de "tatuagem" invisível que perpetua o funcionamento do caráter em um aprisionamento corporal, estruturando a forma de pensamento, sentimento e visão de mundo de cada indivíduo.

A patologia da couraça não está no mecanismo em si, como já explicamos anteriormente, está sim, na inconsciência e no automatismo com que eles ocorrem. Esta condição faz de cada indivíduo, uma vítima e um algoz, dentro processo de alienação e conseqüentemente de dominação.

Podemos entender a frase reichiana que afirma que: "A família patriarcal retrata e reproduz o estado.", porque se observarmos vamos encontrar o mesmo funcionamento de dominação no plano familiar e no social.

Por isso, repensar o movimento humano numa visão reichiana é descobrir como esse instrumento pedagógico da Educação Física Escolar pode ser visto como deflagrador do processo emancipatório individual e social proposto pelas pedagogias críticas, especialmente a Teoria Crítico-emancipatória de Kunz.

A Teoria do Se-Movimentar, uma das fontes teóricas utilizadas por Kunz, está impregnada pelo sentimento de urgência na compreensão da dialogicidade do movimento, que tem como pré-requisito fundamental o auto-

conhecimento de cada indivíduo para deflagrar a "compreensão do mundo pelo agir".

Se o diálogo com o mundo se faz a partir do sujeito, então, é necessário que o sujeito se conheça em totalidade, porque o acesso ao outro e ao mundo se faz pelo mesmo caminho de acesso a si mesmo. O respeito ao outro e ao mundo é o mesmo respeito que cada indivíduo tem a si próprio.

O ser humano só vai aprender a respeitar o meio ambiente e o outro se aprender a respeitar a si próprio e este respeito não é possível sem a consciência e a percepção de sua totalidade. O acesso a essa percepção deflagra no indivíduo seu processo de auto-regulação e esta, como já vimos, é extremamente subversiva. Ter a ousadia de subverter a ordem dominante e ultrapassar paradigmas exige coragem de romper com as tradições.

**“PREZADO CIDADÃO:
COM QUANTOS QUILOS DE MEDO SE FAZ UMA TRADIÇÃO?”
Pichação no muro do CFH - Universidade Federal de Santa Catarina**

Será que já não sofremos o bastante? Será que já não é chegada a hora de ousarmos sair fora da estrutura de pensamento, que nos aprisiona há milhares de anos? Será ousadia demais, aceitarmos pelo menos a possibilidade de que existe vida lá fora? A humanidade sempre aniquilou quem ousou anunciar a verdade. Esse processo de quebra de paradigma sempre se repete; primeiro aniquila-se quem se antenou ao novo, depois de muito tempo que tudo torna-se realidade na vida das pessoas, aí então, é aceito pelo senso comum.

O processo terapêutico reichiano, que antes de tudo é um processo educacional, busca a autonomia, a revitalização dos mecanismos auto-reguladores de cada indivíduo, ajudando-o no seu desbloqueio, quando isto ocorre, suas funções naturais reorganizam-se naturalmente.

Este processo emancipatório tem como principal instrumento o movimento, é através dele que, segundo Bichara, V. (2002) "DESAMARRA-SE AS CORRENTES E DISSOLVE-SE AS COURAÇAS, NA LUTA PELA LIBERDADE."

O elo que liga a Teoria Reichiana e as teorias críticas da Educação Física Escolar, especialmente a Teoria Crítico-emancipatória, é o movimento humano. Portanto, a proposta de repensar este movimento é a de projetar mais uma luz

sobre o entendimento do ser humano para auxiliar a busca fundamental da Educação Física, que é a de facilitar o processo de maioridade dos sujeitos.

Assim, com esta pesquisa mostramos:

- ✓ Primeiramente, que Reich tem em sua teoria grandes descobertas que contribuem para um novo entendimento de ser humano. O pensamento funcional derruba as barreiras entre a quantidade e a qualidade, unindo ambas em um mesmo PFC (princípio de funcionamento comum), ou seja, o processo energético. A energia orgone, formadora da matéria, enraíza o funcionamento do ser humano com o resto da natureza, conceituada por Reich como sendo a energia primária que preenche todo o Universo. O conceito de couraça e sua disposição segmentar amplia a visão anatômica mecanicista.
- ✓ Isto permitiu que Reich desenvolvesse uma concepção de ser humano ainda não investigada com profundidade nas ciências tradicionais. No conceito reichiano, corpo e mente são "funcionalmente" idênticos, isto é, os dois processos são manifestações de uma mesma unidade. Existe uma manifestação física e uma emocional, mas ambas estão enraizados em um mesmo "funcionamento", a pulsação energética. A teoria reichiana defende o conceito de que o ser humano é uma totalidade em seu próprio funcionamento e não pode ser desconectada do cosmos.
- ✓ Na sequência, vimos que dentro da Educação Física, podem surgir novas formas de entendimento pedagógico que auxiliem o processo de emancipação individual e social. A partir disto, desenvolver práticas pedagógicas que ajudem despertar os sujeitos de sua passividade e conformismo, desestruturando o padrão de funcionamento encoraçado, os quais mantêm os indivíduos prisioneiros e passivos diante dos modelos de dominação que ainda imperam.

- ✓ Centramos nosso trabalho sobre a questão do movimento humano, elo principal entre a Educação Física e o trabalho terapêutico reichiano. Repensar o movimento humano numa visão reichiana é projetar mais uma luz sobre o berço da teoria Crítico-emancipatória. Assim, aprofundamos a compreensão do ser humano que se movimenta e do seu "se-movimentar". É a possibilidade de entender que a essência da vida é pulsante e que o movimento humano pode ser instrumento de emancipação individual e social. Essa possibilidade de transformação faz a VIDA ser mais VIVA.

- ✓ Os bloqueios diminuem o fluxo energético e conseqüentemente deixam o organismo menos potente. Há um decréscimo de energia do indivíduo, restringindo sua motilidade (ação espontânea e natural e movimento da musculatura), limitando sua auto-expressão. O funcionamento energético está relacionado ao estado de vitalidade do organismo, seu comprometimento, devido à presença do encorajamento, perturba sua saúde física e emocional. A partir disso e entendendo que Reich coloca como meta principal do seu trabalho orgonoterapêutico, a mobilização da energia orgone corporal, torna-se necessário, então, descronificar esta tensão, para a pessoa recuperar sua completa vitalidade e bem-estar emocional. Esta mobilização, como vimos, se dá através do movimento expressivo e da respiração. A mudança do padrão de funcionamento encorajado para a pulsação energética livre de bloqueio, resgata nos seres humanos sua capacidade para uma descarga orgástica total.

- ✓ Por fim, este trabalho apresentou mais uma possibilidade de desenvolver novas perspectivas, não para intervenções, mas para ampliar e aprofundar, o que Kunz chama de temas fundamentais na Educação Física. A "compreensão-do-mundo-pelo-agir", a dissolução da "falsa consciência", o desenvolvimento da intuição, da percepção e de sensibilidade via movimento humano são respaldados dentro da teoria reichiana como possibilidade para uma prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albertini, P. (1994). *Reich: História das Idéias e Formulações para a Educação*. São Paulo: Ágora
- Arameda, R. T. (1987). *Caderno de Vivências, Princípio Biocêntrico*. Recife: Ed. Bio's
- Bach, E. (1995). *Os remédios Florais do Dr. Bach.. Uma explicação sobre a causa real e as curas das doenças*. São Paulo: Pensamento
- Barollo, C. R. (1992). *Aos que se tratam pela Homeopatia*. São Paulo: Typus
- Bastos, L. R. et all (2001). *Manual para a Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses, dissertações e Monografias (5ªed.)*. Rio de Janeiro: UFRJ
- Bichara, V. (2001). *A fenomenologia vista pelo Funcionalismo Orgonômico (resumo)*. Anais do IV Simpósio de Produção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física de Joinville.
- _____ (2002) *A Orgonomia Reichiana aplicada à Educação Física. Arrebentando Correntes e Dissolvendo Couraças: A Luta pela Liberdade (resumo)*. Pelotas: Anais do XXI Simpósio Nacional de Educação Física
- Bichara, V.; Pires, V.; Soares, C. & Rauchbach, R.(2001) *Perfil do Pesquisador (resumo)*. Joinville: Anais do IV Simpósio de Produção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física.
- Boadella, D. (1985). *Nos Caminhos de Reich*. São Paulo; Summus
- Bracht, V. (1997). *Educação física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister

- Brunton, P. (1984). *O Egito Secreto*. São Paulo: Pensamento.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal: Porto.
- Calegari, D. (2001). *Da Teoria do Corpo ao Coração*. São Paulo: Summus
- Chauí, M. (1989). *Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1997). *Convite à Filosofia..* São Paulo: Àtica.
- Chopra, D. (1998). *Dominando o Vício. A solução espiritual*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____ (2000). *A Cura Quântica*. São Paulo: Nova Cultural.
- Cossenza, C. E. (1992). *Musculação Feminina*. Rio de Janeiro: Sprint
- Dartigues, A. (1973). *O que é Fenomenologia?* Rio de Janeiro: Eldorado.
- Dadoun, R. (1991). *Cem Flores para Wilhelm Reich*. São Paulo: Moraes
- Demo, P. (1994). *Pesquisa e Construção de Conhecimento. Metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Fensterseifer, P. E. (2001). *A Educação Física na crise da modernidade*. Ijuí: UNIJUÍ
- Freire, R. e Mata, J.(1993). *Soma, uma terapia anarquista. Corpo a corpo*. São Paulo: Clacyco
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gonsalves, P.E. (org). (1996). *Medicinas Alternativas. Os Tratamentos não Convencionais*. São Paulo: IBRASA.

Hillman, J e Ventura, M. (1995). *Cem anos de Psicoterapia ...e o mundo está cada vez pior*. São Paulo: Summus

Keleman, S. (1992). *Anatomia Emocional*. São Paulo: Summus.

Kunz, E. (1991) *Educação Física. Ensino e mudanças*. Injuí: Unijuí.

_____ (1998). *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: UNIJUÍ

_____ (1999/1) *Esclarecimento e Emancipação: Pressupostos de uma Teoria Educacional crítica para a Educação Física*. Movimento, ano V, n 10, 35-39.

Lacerda, Y. (1995). *O Alternativo e o Suave na Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint

Leadbeater, C.W. (1975). *Os Mestres e a Senda*. São Paulo: Pensamento.

Lispector, C. (1998). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco.

Lowen, A. (1977). *O Corpo em Terapia, a abordagem bioenergética*. São Paulo: Summus

_____ (1983). *O Corpo em Depressão, as base biológicas da fé e da realidade*. São Paulo: Summus

_____ (1986). *Medo da Vida, Caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*. São Paulo: Summus

_____ (1984). *Prazer. Uma Abordagem Criativa da Vida*. São Paulo: Summus.

Lowen, A. e Lowen, L. (1984). *Exercícios de Bioenergética. O caminho par a uma saúde vibrante*. São Paulo: Ágora.

Lüdke, M. e André, M. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens*

Qualitativas. São Paulo: E.P.U.

Mata, J. (2001). *A Liberdade do Corpo. Soma, capoeira angola e anarquismo*. São Paulo: Imaginário

Matthiesen, S. Q (1998) *Limites entre o psíquico e o somático: Wilhelm Reich e Thérèse Bertherat*. Revista Reichiana n.7 São Paulo: Sedes

_____ (1998) *A Educação do corpo e as práticas corporais alternativas: Reich, Bertherat e a Antiginástica* Revista Motriz v. 5 n.2 Rio Claro

_____ (1999) *A Educação Física e as Práticas Corporais Alternativas: A Produção Científica do Curso de Graduação em Educação Física da UNESP - Rio Claro de 1987 a 1997* Revista Motriz v. 5 n.2 Rio Claro

_____ (2001) *Criança, Corpo e Educação: Fragmentos da obra de Wilhelm Reich* CBCE, Revista Brasileira de Ciência do Esporte .v. 22 n.2. Campinas: Autores Associados

_____ (2001) *A Tributo a Wilhelm Reich em Época de exaltação do Corpo* Revista Psicologia ano 03 n.10

Maturana, H. (1999). *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG

Marques, M. O. (2000). *Escrever é preciso*. Injuí: UNIJUÍ

Merleau - Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Minayo, M.C.S. (org.)(1994) *Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Mills, C. W. (1959) *A imaginação Sociológica*. (tradução Waltersir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Mitchung. (1994). *Pirâmides do Mundo. A Verdade Definitiva*. Rio de janeiro Danúbio.

Murphy, J. (2002). *O Poder do Subconsciente*. Rio de Janeiro: Record

Neill, A. S. (1972). *Minha Luta pela liberdade no Ensino*. São Paulo: IBRASA

Navarro, F. (1987). *Terapia Reichiana I, fundamentos médicos somatopsicodinâmica*. São Paulo: Summus.

Navarro, F. (1991). *Somatopsicodinâmica das Biopatias. Interpretação reichiana das doenças com etiologia "desconhecidas"*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____ (1996). *Metodologia da Vegetoterapia Caractero-Analítica*. São Paulo: Summus.

_____ (2002). *Orgonomia Clínica*. Curitiba: Centro Reichiano.

Oliveira, P. S. (1998). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: UNESP.

Oliveira, M. H. (1998). *O que está errado é a forma de viver? Baseado na obra de Wilhelm Reich*. Trabalho Apresentado no II Encontro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alagoas.

Redfield, J. (1993). *A Profecia Celestina*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Reich, I. O. (1978). *Una Biografia Personal*. Barcelona: Granica

Reich, W. (1938). *As Experiências Bions*. (mimeo). Associação Wilhelm Reich do Brasil

_____ (1949). *Éter, Deus e o Diabo*. (mimeo, trad em março de 1991) Associação Wilhelm Reich do Brasil

_____ (1950). *Funcionalismo Orgonômico Parte II: sobre o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico*. (mimeo). Associação Wilhelm Reich do Brasil.

_____ (1974). *Escuta, Zé Ninguém!* São Paulo: Martins Fontes.

- _____ (1983). *Children of the Future*. New York: Farrar Straus Giroux
- _____ (1983). *Children of the Future*. New York: Farrar Straus Giroux.
(mimeo) Centro Reichiano. Curitiba.
- _____ (1985). *La biopatía del Cáncer Segundo tomo de El Descubrimiento del orgón*. Buenos Aires: Nueva Visión
- _____ (1985). *Superposição Cósmica* (mimeo) Centro Reichiano. Curitiba
- _____ (1995). *A Função do Orgasmo*. São Paulo: Brasiliense
- _____ (1995). *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes
- _____ (1996). *Paixão de Juventude*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1999). *O Assassinato de Cristo*. São Paulo: Martins Fontes
- Rodrigues, C. E. & Carnaval, P. E. (1997). *Musculação: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Rohden, H. (1960). *Novos Rumos para a Educação*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Saint - Exupéry, A. (2000). *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir.
- Silva, A. M. (2001). *Corpo, Ciência e Mercado*. Florianópolis: UFSC
- Soares, C. (2001). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados.
- Volpi, J. H. (2000). *Psicoterapia corporal. Um trajeto de Wilhelm Reich*
Curitiba: Centro Reichiano.
- Walsch, N. D. (2000). *Conversando com Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro.